

TRABALHO SEMESTRAL: Transcrição Completa da Entrevista

Guilherme Francisco Bittencourt Vidal - N°USP: 14575961

Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes

Departamento de Artes Plásticas

História do Ensino da Arte no Brasil: Trajetória Política e Conceitual e Questões Contemporâneas - Turma de 2025

Docente: Sumaya Mattar

Pós-Graduanda: Mariana de Araújo Alves da Silva

Entrevistador: Guilherme Francisco Bittencourt Vidal

Entrevistadas: Mara Rodrigues Bittencourt e Sueli Rodrigues Bittencourt Vidal sobre Abadia Pereira Bittencourt

Dia: Sábado, 17 de Maio de 2025

Duração: 3h22m

Local: Casa de Mara Rodrigues Bittencourt (Bairro do Tucuruvi - São Paulo - SP)

Personagens da Entrevista: Guilherme, Sueli e Mara

Transcrição:

Guilherme: Tá gravando? Tá tudo gravando? É, tá tudo gravando. Ok, gente, peraí. Super de boa, gente. Ok...

Sueli: Vai ser um bate-papo, né?

Mara: Você tá tremendo mais que a gente.

Guilherme: (risos) vai ser um bate-papo. Então, pelo amor de Deus. Todo mundo assinou... Vamos para cada um. Mara Rodrigues Bittencourt. Você assinou a autorização, né?

Mara: Assinei a autorização.

Guilherme: Está autorizado?

Mara: Está autorizado. Estou ciente da entrevista.

Guilherme: E ela está ciente! E você, Sueli Rodrigues Bittencourt Vidal?

Sueli: Também assinei a autorização. Está autorizado. Estamos de acordo. Estamos cientes do que vai acontecer.

Guilherme: Tá bom e é isso. Vamos começar, pelo amor de Deus. Ó, vai! Se apresenta aí. Nome, idade e local de nascimento... Você.

Mara: Meu nome é Mara Rodrigues Bittencourt...

Guilherme: Só fala um pouquinho mais... (indicando pra falar mais alto)

Mara: Eu tenho 42 anos, nasci no hospital Pio XII em Guarulhos, do estado de São Paulo, e atualmente sou professora de educação infantil, formada desde 2007, e desde então trabalho na área.

Guilherme: Ótimo. E você?

Sueli: Meu nome é Sueli Rodrigues Bittencourt Vidal, eu tenho 58 anos, nasci no hospital 9 de julho aqui em São Paulo, sou formada como professora desde 86 e trabalho na área desde 86. Hoje, sendo professora readaptada no Estado... Estado não, desculpa. Prefeitura. Do Estado eu já estou aposentada.

Guilherme: Beleza! Hoje é dia 17 de maio de 2025 e... o horário é 6h38 da noite. E, né, explicar aqui — vocês já meio que sabem, mas só pra deixar registrado — que essa entrevista inicialmente era pra ser feita com a Abadia, a avó. Só que, né, faleceu em 2021, né? Em 17 de julho de 2021, né?

Sueli: Sim.

Guilherme: E essa entrevista meio que agora é pra gente... é uma tentativa de montar um perfil póstumo, entendeu? Seria como entrevistar a Abadia, mas por terceiros, entendeu? Uma coisa meio Memórias Póstumas.

Sueli: É, vamos falar como ela era, né?

Guilherme: Sim. Beleza! Agora, vamos lá começando. Pergunta... vocês podem... a pergunta é geral. Vocês respondem primeiro quem quiser. Quem foi a Abadia Pereira Bittencourt, quando ela nasceu e onde ela nasceu e quando e onde ela morreu?

Sueli: Olha, minha mãe, a Abadia Pereira Bittencourt, que era Abadia Pereira Lopes — Bittencourt é nome de casada — Ela nasceu... Aí, nossa... Seria perto de Olímpia.

Guilherme: Palmares Paulista!

Sueli: Palmares, né? Paulista, perto de Olímpia. Ela veio para São Paulo, aos oito anos de idade. Na época era uma criança, mas ela já veio para ser babá... para cuidar de um filho de uma pessoa, até que os pais (da Abadia) pudessem vir para São Paulo também. Porque sempre foi uma família muito pobre. Eles eram colonos em fazenda, né. E quando eles conseguiram vir para cá, daí foram buscar ela tudo na casa dessa mulher que trouxe ela para ser babá. Na época ela tinha de tudo: roupa, sapato, se vestia muito bem... um laço de fita combinando com as roupas e quando eles (os pais da Abadia) vieram buscar ela, a mulher ficou muito brava e ela (Abadia) saiu com a roupa que ela chegou do interior. Pegou tudo de volta.

Mara: Ela contava muito pra nós que a sorte dela foi que ela guardou a sandalhinha e o vestidinho que ela veio, né, porque ela tava sendo tratada como se fosse uma filha. Ela chegou, né, até a mulher querer adotar ela, mas a nossa avó não quis, porque era filha, não quis dar ela de papel passado, e por isso ela ficou com raiva. Então, já que não era pra ser dela, vou te devolver, mas tudo que o patroa deu pra ela, né, retirou de volta.

Guilherme: Então, só uma pergunta. Então, no caso, quando ela saiu de Palmares e veio pra São Paulo, na casa dessa mulher que ela ficou, ela morava lá, na verdade, como uma empregada...

Sueli: É! Ela tinha um quartinho, que ela morava nos fundos da casa, né, tanto é que não tinha nem tranca, ela falava, que às vezes colocava uma cadeira na porta, assim, à noite; mas quando tinha que sair tudo com a mulher, ela sempre saía muito bem vestida. Ela tinha os vestidos, sapato tudo combinando, né, porque como ela tomava conta do menino, então onde a mulher iria, carregava ela muito bem vestida. Só que quando a nossa avó veio pra cá, que foi buscar ela, a mulher retirou tudo. Dava um frio que Deus dava, porque na época era chamado "São Paulo da Garoa", muito frio! E ela saiu da casa da mulher com vestidinho de manguinha curta, tremendo de frio com um tanquinho, com a sandalhinha dela. E a sorte que ela tinha guardado, né? Como a Mara falou.

Mara: E aí... no decorrer da vida dela, ela sempre trabalhou como empregada doméstica, em casa de família, e durante a juventude dela, a nossa avó se separou do nosso avô. E isso socialmente não era muito bem visto, porque a mãe sempre falava assim, que além de ser negra, filha de família desfeita, filha de família separada...

Sueli: mulher desquitada, né.

Mara: Mulher desquitada. Isso era mal visto em todas as sociedades...

Sueli: E empregada doméstica.

Mara:... E isso prejudicou ela até em questão de relacionamento, tanto de ter um namorado — que ela chegou a ser menosprezada por família dos namorados — como também... socialmente. Haja visto que quando ela conheceu o Vô (Breno), né... quando ela conheceu o nosso pai, o Seu Breno, uma das coisas que foi apontada pro Vô (Breno) pelo nosso avô, pelo pai dele, Foi justamente o que ele falou "Você tá vendo que ela é negra, tá? E mesmo assim você quer continuar com ela?"... Porque o nosso avô era branco, filho de portugueses, né...

Sueli: E francês.

Mara: E francês. Nossa avó era filha de italiano, então toda a família era branca, de descendência branca, europeia; e a mãe de descendência negra, com diversas misturas do Brasil...

Guilherme: A família do avó era da Bahia, né? Eram de Palmares Paulista, mas o pai dela era...

Sueli: Origem baiana, né.

Mara: Origem baiana e toda a família tinha uma grande mistura africana, né. Então, no caso da avó, ela sofria já, na época era discriminado, como a gente tem até hoje o preconceito e tudo mais, e ainda sendo pobre, negra, de família desquitada, né, trabalhando em casa de família. Então isso tudo gerava uma visão muito caótica, assim, socialmente. E ela, tanto que uma das coisas que ela prezava muito com a gente era a questão do casamento. Ela falava assim “casamento é pra sempre”. Por quê? Ela não temia só pelos filhos dela se separarem. Ela temia pelos netos dela sofrerem o preconceito que ela sofreu. Porque por mais que a mãe dela, nossa avó, fosse infeliz no casamento, quem carregou todo o peso desse lar desfeito, foi ela. E ela sempre trabalhou em casa de família, sempre teve de origem muito humilde, e ela sempre ajudou no orçamento da casa da mãe dela, da nossa avó, que por sua vez também dividia a casa com a nossa bisavó e o nosso tio.

Sueli: Detalhe: a nossa bisavó era branca, o que era um outro problema também. E ela chamava — era bem preconceituosa — e ela chamava os filhos da nossa avó de “os negrinhos da Catarina”, porque ela era branca.

Guilherme: Peraí, a...

Mara: A nossa bisavó.

Guilherme: A bisavó Sebastiana (avó paterna delas, minha bisavó)?

Sueli: Não! A bisavó é... Flauzina (bisavó materna delas, minha tataravó).

Mara: É, Flauzina.

Guilherme: Flauzina. Ah! é... Então — só montando aqui a árvore genealógica — A Flauzina, a bisavó de vocês, que era mãe da Bisa Catarina, que era mãe da Abadia.

Mara: Ela era branca (Flauzina), porém a família toda era negra. E assim, ela tinha esse preconceito porque ela não aceitava a mesma cor. Os casamentos antigamente eram arranjados. Então, desde a nossa bisavó Flauzina, o casamento veio arranjado com uma pessoa negra, e aí, no caso, nasceu a Vó (Catarina) que puxava mais o pai do que a mãe, por isso que sofria uma discriminação dentro da própria família...

Guilherme: por parte da mãe.

Mara: Por parte da mãe e Isso foi passando, porque apesar da nossa avó (Catarina) também ser negra, ela também carregava meio que esse preconceito. Tanto que era difícil ela aceitar quando nós trazíamos alguém em casa...

Sueli: Ou trazia alguma coisa pra comer, porque ela sempre falava “ eu não sei quem fez, e se foi alguma negra?”. Ela era muito preconceituosa, mesmo sendo negra, era preconceituosa.

Mara: Ela era preconceituosa. Tanto é que ela falava que ela não era negra, que ela era “queimada de sol”.

Guilherme: Eu até tinha anotado aqui uma pergunta a respeito disso. Eu só não sei se vocês já responderam ela... A avó era uma mulher negra, filha de mãe divorciada, e junto da Bisa Catarina, durante alguns anos, trabalhou como empregada doméstica na casa de figuras muito importantes... Abastadas, né. Esses marcadores sociais tiveram e ainda têm um peso muito grande na vida de muitos. Fora isso, ela também teve o casamento com o avô, que era branco e de família europeia, e a minha pergunta é: Como vocês se lembram da avó lidando com essas vivências acumuladas e o que ela dizia sobre essas diversas formas de preconceito que ela enfrentou durante a vida?

Sueli: Bom, um preconceito muito grande que ela sofreu, uma vez foi dentro do ônibus, que a mulher olhou pra ela e ela tava com o Ronaldo, o nosso segundo irmão, e comigo, que eu sou a mais velha. Ela simplesmente chegou e falou assim “Nossa! Sua patroa deve gostar muito de você e deve confiar muito em você”. Ela (Abadia) falou assim “Por quê?”, “É, pra ela deixar você sair com os dois filhos dela.” Ela (Abadia) falou assim “Muito engraçado, os filhos é da minha patroa e sou eu que amamento!” Então era muito estranho. Outra passagem também que ela sempre contava que quando ela ia ao médico, principalmente quando fazia pré-natal, que a hora que chamava pelo sobrenome, né, porque ele tinha mania de chamar “Senhora Bittencourt”, então quando falava “Senhora Bittencourt” e via ela se levantando, todo mundo ficava olhando para a cara dela, as pessoas que estavam na sala de espera...

Guilherme: Ninguém acreditava que...

Mara: Aquele sobrenome pertenceria a uma mulher negra. Outra situação que ela também relatava sempre pra nós é assim, que quando ela estava grávida de mim, as pessoas achavam que ela havia casado com o nosso pai, que ele era divorciado ou viúvo, e ele era pai apenas da Sueli e do Ronaldo, que eram os dois filhos brancos, e o Paulo, que já tinha traços negros, né, ele era o único que era filho dos dois. Então, quando eu nasci, ela falou que veio pessoas visitar ela pra me... pra trazer, entre aspas, presentes pro neném, né, pra mim, pra me conhecer; mas, na verdade, foram pessoas pra comprovar se, realmente, eu era branca.

Sueli: E incrível que pareça...

Mara: Se, realmente, os mais velhos eram filhos dela mesmo.

Sueli: E, incrível que pareça, a Mara veio mais branca que todos nós! Porque ela veio branca do olho azul. Nós tínhamos olhos verdes. O único que tinha os olhos castanhos era o Paulo. E ela veio branquela! Daquela que fica, toma sol e já fica um camarão, com os olhos azuis.

Mara: E o meu cabelo era tão loiro que chegava a quase ser branco, de tão loirinha que eu era.

Guilherme: Isso casa muito com a outra pergunta que eu ia fazer. Quais foram os impactos que vocês sentiram desse racismo que a Vó (Abadia) sofria?

Mara: Eu acho que pra mim, por exemplo, foi uma questão do cabelo. Acho que o cabelo, até porque eu ia pra escola sempre com trança, né; o cabelo sempre penteadinho, mas sempre você via a preocupação do cabelo não tá, digamos assim, armado, alto. Ela tinha sempre uma preocupação muito de estar sempre alinhado, pelo menos o meu cabelo. E eu lembro que na adolescência, uma vez que eu falei que eu queria cortar o cabelo curto, ela falou assim “Não, porque o cabelo crespo ele vira um prato”. Então é como se aquilo tivesse ficado muito marcado pra ela. Até porque a juventude toda dela sempre alisou o cabelo com ferro quente, né, porque não existia chapinha; ou então utilizava o chamado “bob” pra enrolar o cabelo, deixar ele sempre bem alinhado. Porque o cabelo acaba sendo a moldura do rosto. E assim, pelo menos pra mim, foi sempre presente isso. Fora isso, eu nunca senti esse sofrimento com esse preconceito no dia-a-dia. Pelo menos ela nunca deixou isso acontecer assim, declaradamente... Na minha época, quando eu nasci, a diferença de idade minha pros meus irmãos já é grande, então eu acho que já tinha mudado muita coisa; mas houve situações sim das pessoas acharem, por exemplo, que eu era filha da Sueli. Por eu ser mais parecida com ela. Quando eu nasci a Sueli já tinha 15 anos e meio, algumas pessoas achavam que a Sueli... Até aconteceu de uma amiga da Sueli, muito próxima, anos depois, eu já adulta, foi quando ela teve coragem de perguntar para a Sueli, ela falar assim “Nossa, Sueli, eu sempre achei que a Mara era sua filha, mas seus pais que haviam criado ela, porque quando ela nasceu, você com 15 anos, não era aceitável pela sociedade”. Então assim, teve essas pequenas passagens; mas, pelo menos no meu caso já... eu nunca senti assim no meu dia-a-dia em si. Eu sentia, muitas vezes, até por causa do próprio cabelo na escola, mas eu nunca tive a pergunta de nenhum colega meu “Nossa, sua mãe é negra?”. Não, eu não tive, eu não passei por isso. Nem com professor e nem com colegas.

Sueli: E muito pelo contrário, porque na escola, a mãe tinha uma...

Mara: Um prestígio.

Sueli: Um prestígio tão grande. Porque ela... desde que eu entrei na escola, ela começou a fazer parte do clube das mães, fazia parte da APM. Então, ela vivia na escola. Quando tinha vacinação, ela tava ali para ajudar, né, vacinação da pólio. Ela estava sempre ali para ajudar, para chamar sala por sala pras crianças tomarem a gotinha. Então, todo mundo tinha um respeito muito grande por ela.

Mara: E na EMEI — eu fui da primeira turma da EMEI do nosso bairro — e lá também, quando eu me formei na EMEI, quando terminei meu ciclo de educação infantil, ela fazia parte da mesa de honra ao mérito e ela recebeu uma medalha de honra ao mérito por essa participação. Porque como a EMEI estava sendo implantada, tava começando, né... as primeiras turmas, ela sempre ajudou muito, ela sempre esteve muito presente. A nossa mãe, ela sempre foi muito participativa de todas essas ações, tanto na escola, reuniões de pais, festas nas escolas, ela sempre participou, ela sempre foi muito presente. E aí, quando eu terminei, na minha formaturazinha na EMEI, ela recebeu a medalha de honra ao mérito.

Guilherme: No caso, e... também trazendo uma perspectiva minha, onde a avó morou até o final da vida: o Jardim Cabuçu. Quando eles chegaram, meio que tava começando também o bairro. Então, todo mundo que veio junto se conhecia.

Sueli: Parecia uma família, a gente tinha mania de... Mania não! hábito, né. Era aniversário de um, sempre vinham convidar a gente pra ir no aniversário...

Mara: Aniversários, casamentos, VELÓRIOS...

Sueli: Todo mundo se conhecia...

Mara: Todo mundo se conhecia. Eram algumas famílias que eram até numerosas no bairro, que praticamente a Vó (Abadia) foi do casamento de todos os filhos. E assim, ela conhecia todo mundo.

Sueli: Sempre foi uma pessoa muito querida no bairro.

Guilherme: Então ela também tinha uma presença social dentro da vida do bairro.

Mara: Do bairro, é. Ela participou de diversos eventos que teve na associação do bairro. Ela fez cursos. tanto de pintura, corte e costura. Nos eventos da igreja do bairro. E também, né, ela chegou presidir bingo na associação do bairro. Enfim, ela sempre teve muito presente pra tudo. E com essas famílias também, que eram mais antigas e tudo mais, algumas famílias aos poucos, os filhos vão casando, vão diminuindo, vão chegando outras pessoas. Então, praticamente, um vai apresentando pro outro. Então, até o final da vida dela, ela foi muito querida e conhecia...

Sueli: Ah, fora que também teve uma época que ela tinha um comércio no próprio bairro, né...

Mara: Ela teve um comércio no próprio bairro.

Sueli: Então, também, ainda conhecia mais gente ainda. Até mais do que nós conhecemos.

Mara: Exatamente.

Guilherme: Então, é... juntando uma pergunta com o que vocês tavam falando, voltando um pouco o assunto, é... as duas trabalharam juntas, as duas, no caso a Vó e a Bisa Catarina, sua mãe, trabalharam juntas como empregadas domésticas em São Paulo, nos anos 50 e 60. E a avó se mudou de Palmares Paulista ainda muito jovem, criança. Quais são as histórias que elas contam desse período anterior ao casamento da Vó (Abadia) e do Vô (Breno)? Quais são essas casas de pessoas famosas... quais são as histórias que ela trouxe desse período? E pedir para vocês também fazerem uma breve introdução da Bisa Catarina.

Sueli: Bom, nessa época, a Bisa, né — a sua Bisa, no caso a minha avó, Catarina —, ela já estava separada. Assim que chegou aqui em São Paulo, ela se separou do Vô, e...

Guilherme: Do vô...?

Sueli: Do Vô Joaquim, o pai da Abadia... E começaram as duas a conseguir um trabalho. Nessa época, a Abadia já estava com 14 anos, e foram...

Guilherme: Pode falar mãe.

Mara: Ah, tá.

Sueli: Tá. E a mãe estava com 14 anos e começou a trabalhar em casa de pessoas famosas, que tavam no meio artístico na época, estavam começando. E tinha muitas festas, às vezes à noite. Essas festas duravam, viravam à noite, e como a Vó só tinha 14 anos, começou a ficar muito complicado, porque ela era uma menina — de menor —, no meio de pessoas, no meio de festas que viravam a noite; ela não tinha horário para dormir, ela dormia no próprio serviço, mas tinha que ficar acordada até acabar a festa. No dia seguinte, tinha que tá colocando muitas vezes pessoas que estavam meio adormecidas...

Mara: Embriagados...

Sueli: Embriagados... colocar no elevador...

Mara: Ou até mesmo levar até o táxi, né, pra essa pessoa conseguir ir pra casa. E ela contava uma história que ela tinha muito medo de escuro porque uma vez, uma determinada convidada quis fazer uma brincadeira, e aí se vestiu com uma roupa assim, cobrindo o rosto, que se chamava mortalha, né; toda de preto, cobrindo o rosto, tudo, com véu preto. E quando tocou a campainha, ela por ser aquela menina afoita de querer conhecer, “Nossa, mais um artista chegando! Quem será que tá chegando?”, foi abrir a porta. Quando ela abriu a porta, essa pessoa assustou ela de um jeito que ela acabou...

Sueli: Ela começou a uivar.

Mara: Começou a uivar, ela caiu... ela chegou ao desmaiar, Sueli?

Sueli: (falas sobrepostas) Ela desmaiou!....

Mara: Ela desmaiou, né? De susto...

Sueli: Teve que chamar o médico...

Mara: ... o médico e tudo. E aí quando ela voltou, ela falou o que tinha acontecido. Disse que os convidados saíram, procuraram essa pessoa por todos os lugares e não acharam. Quem é que tentou? Fez essa tentativa? Chegou a ser um susto forte que ela levou, né. E isso acabou virando um trauma que ela acabou carregando. Depois ela não queria nem mais abrir a porta e até o final da vida dela, ela não gostava de dormir em ambientes totalmente escuro...

Sueli: Tinha que ter um abajurzinho...

Mara: Tinha que ter um abajurzinho, tinha que ter uma luz ou pelo menos a iluminação do

rádio-relógio, né. Tinha que ter alguma claridadzinha, ela sempre... ela ficou com muito medo e elas sempre falavam, né, que elas tiveram esse contato; conheceram diversos artistas que brincavam e tudo mais. Logicamente, são pessoas que passaram ali, pelas festas, que não iam carregar a imagem dela pra outros lugares; que não eram pessoas que ela ia encontrar na rua e ia falar “Ah, eu lembro que você trabalhou lá!”, porque ela era apenas uma empregada. Mas, na posição de empregada, pra ela, aquilo era, assim, uma... Uma forma de vaidade; de “Eu conheci!”. Pessoas que, algumas vezes, apareceram na televisão e tudo mais, né, e ela falava “Ah, essa pessoa eu conheci”. E a Bisa Catarina também tinha muito orgulho disso, de falar que conheceu. A Bisa Catarina ela também teve uma vida muito humilde, muito difícil. Ela era a segunda filha de... sete irmãs, né?

Sueli: Irmãos.

Mara: Irmãos, né? Que ela tinha dois irmãos, mais... mais... mais quatro irmãs. E a vida foi muito difícil pra ela desde a adolescência dela, que foi quando ela contava que durante uma aposta de jogo, ela... acabou tendo que casar aos 14 anos com o nosso avô (Joaquim)...

Sueli: Que tinha 28.

Mara: E sem sentimentos nenhum. Ela teve que casar com ele.

Guilherme: A Bisa Catarina, aos 14 anos, ela teve que se casar com o Joaquim...

Sueli: Que tinha 28 anos.

Guilherme: E o casamento, no caso, se deu numa aposta de jogo.

Sueli: É, porque o pai dela perdeu a aposta.

Mara: Perdeu a aposta do jogo. E aí ela teve que constituir família, né. Ela falava também pra nós, assim, que... a situação era meio complicada, por quê? Porque o casamento da mãe dela, da nossa bisavó, já tinha sido arranjado. Já não era um casamento por amor. E aí, no caso, quando o pai dela ia pra roça, ela, de 4 pra 5 anos de idade, já tinha que ir atrás do pai pra levar o almoço, a comida. (Catarina) Sofreu muito com violência doméstica porque qualquer coisa que acontecesse de errado, ela apanhava... e que ela tinha uma habilidade muito grande em fazer crochê. Só que pra aprender a fazer crochê, a mãe dela não tinha paciência de ensinar ela. Inclusive ela apanhava por não conseguir aprender, e o que ela começou a perceber eram as teias de aranha, de manhã. Porque como ela acompanhava o pai pra ir pra roça, eles levantavam muito cedo. E aí ela tinha a oportunidade de ver a teia de aranha com o orvalho da manhã, com esse sereninho que cai da noite. E aí ela começou a ver como que era formado aqueles pequenos pontinhos. E ela falava que ela tinha aprendido realmente com aranha a fazer (o crochê). Ela copiava, fazia o desenho com tijolo, com carvão no chão, e isso ela começou a tentar fazer isso com linha e agulha de crochê. E ela conseguiu fazer diversas toalhinhas. Toalhinhas essas que a gente tinha em casa, na casa da... da nossa mãe, que cobriam filtro, fogão, toalha de mesa...

Sueli: Era o passatempo dela...

Mara: Era o passatempo dela. Eu tive roupas, inclusive eu tive um vestido de crochê cor de rosa...

Sueli: Eu tive uma blusa (risos).

Mara: ... e esse meu vestido de crochê cor de rosa, eu usei até o momento que ele não tava conseguindo vestir nem mais como blusa, sabe? De tanto que eu gostava daquele vestido e... era aquele vestido que secava e eu tava usando de novo. A habilidade dela cresceu bastante com o fazer do crochê e, entre tudo isso, era uma época que a mulher não tinha voz, mulher não tinha querer, e aí a família dela foi constituída dessa forma. Durante o período do casamento dela, ela teve diversas gestações, mas ela também trabalhava na roça com o nosso avô e acabava que a formação do corpo dela — ela falava que o bebê ficava muito pra trás, como se o útero dela fosse mais pra trás, na questão do quadril. Então demorava pra ela descobrir que estava grávida. E aí isso prejudicava a gestação dela. Então, ela teve diversas perdas gestacionais.

Sueli: Na verdade, foram sete. Sete gestações e só sobreviveram dois.

Mara: E só sobreviveram dois.

Guilherme: Que no caso era a Vó Badia e o irmão dela, o Sebastião.

Mara: Isso. E aí nesse caso ela falava assim que... Inclusive o último bebê já estava bem formadinho, mas ela teve diversas perdas por causa disso. Até, era uma situação bem complicada... porque o médico morava em outra cidade, né. Era vila de interior, então você não tinha hospital por perto, tudo era tratado com medicações caseiras. Muita medicação, muitos remédios que ela aprendeu com... com ervas medicinais, ela falava que ela ouvia, escutava atrás da porta, a mãe dela e as amigas conversando. “Ah, eu tomei tal remédio”, “Eu fiz dessa forma”. Muitas coisas que hoje são o quê? São ditas até como simpatias, né. Pra... “Ah, a criança nasceu... com bolinhas no corpo”, “Ah, tem que colocar a roupinha dela no sol”, “Ah, não pode deixar a roupa do bebê tomar a luz da lua”, “Ah, tem o mal dos sete dias, o mal dos quatorze dias”, onde a criança...

Sueli: Colocava a fralda, a primeira fralda no telhado...

Mara: Quando a criança nascia, com sete dias, eles acreditavam que não podia pessoas de fora chegar e pegar a criança. Tinha que sapecar a mão no fogo, passar a mão mesmo sobre o fogo pra queimar todos os micróbios pra você chegar e pegar a criança. E isso se repetia com 14 dias também. Que a mulher, quando tem o bebê, ela não podia tomar banho e lavar a cabeça, porque dava a chamada “suspensão” e isso ocasionava a mulher ficar louca. Inclusive, ela relatava que a vizinha dela, quando chegava todo mês, quando chegava o ciclo menstrual, ela tinha que ser amarrada, senão ela se mordida, tirava pedaços até do próprio corpo, porque o corpo dela... ela teve “suspensão” na gravidez... no período de resguardo, depois da gravidez. Era dessas formas que eram chamados. Hoje, eu acredito que isso seria o que a gente conhece como depressão pós-parto; mas na época não tinha esses nomes. E muita coisa, por ser uma menina, ela (Catarina) foi aprendendo

ouvindo os chamados adultos conversarem, e se a mãe dela percebesse que ela estava ouvindo, ela apanhava... com o que tivesse na mão. Ela falava assim “A minha mãe não precisava falar. Ela olhava pra nós e nós já sabíamos que tínhamos que sair do ambiente, que tínhamos que sair de perto”. Inclusive, ela falava assim que quando uma criança está num ambiente onde adultos estão conversando, eles falavam assim “Tem gente descalça”. E quando ela usou essa fala comigo, eu falei assim “Não, mas eu tava de chinelo”. Eu não entendi o porquê. Porque antigamente as crianças não usavam sapato. Meu pai também falava muito que quando ele entrou na empresa que ele trabalhou durante anos, ele entrou de “calça curta”. Por quê? Porque, antigamente, quem usava calça comprida eram adultos. Os molecotes, os adolescentes, usavam aquela calça curta com suspensório e terninho, né... e o paletó. Então, quando ela usava esse termo de “tem gente descalço”, se referia a ter criança no ambiente. Então, ela falava que a mãe dela e o pai dela só olhavam pra ela e ela sabia que tinha que sair.

Sueli: Mas, contudo, a Dona Catarina era uma mulher muito sábia, muito inteligente, mesmo não tendo instrução nenhuma. Não sabia ler, não sabia escrever, nem assinar o próprio nome; mas ela tinha uma memória fantástica. Ela sabia receitas de cor, sabia fazer pão, fazia pudins e o principal, ela sabia fazer vinho. Ela pegou a receita de ouvido uma vez do rádio, aprendeu e fazia. Ela começou fazendo vinho de uva, que ela comprava as caixas, né. E tanto é que eu presenciei, porque quando criança, ela (Catarina) comprava as caixas de uva... — umas 20 caixas, todo começo de ano —, ajudava a tirar a uva dos cachos, né, e ela amassava a uva com a mão, deixava descansar...

Mara: ... descansar pra fermentação da própria uva.

Sueli: ...e falava que hora que desse ponto, que tinha que ensacar. Ensacar, na verdade, seria engarrafar. E, às vezes, era de madrugada, dava ponto. E quando dava ponto, ficava certinho. A casca da uva por cima, o líquido no meio e as sementes tudo embaixo. E se passasse desse ponto, misturava tudo de novo. Daí, o quê que ela fazia? Então, na hora que dava o ponto, ela já tirava todinha aquela casca, aonde ela iria fazer os doces de uva; pegava o líquido; colocava em garrações de vidro — ela já tinha alvejado, esterilizado os paninhos de saco de farinha; que ela já deixava tudo cortadinho, quadradinho — e usava essas borrachinhas de dinheiro, né, onde ela ia colocar pra segurar. Por causa da fermentação, não podia pôr rolha, porque... E todo dia tinha que trocar aquele paninho. Porque aquele paninho, com a fermentação, ele ficava sujo. Então, pra não sentar mosca, ela trocava todos os dias. Era muito trabalho, mas ela tinha o prazer de fazer. E a semente dela, ela jogava pras galinhas. Era muito engraçado. E a gente chegava a tomar suco da uva até começar a fermentação, porque era um fortificante assim, fenomenal! E graças a Deus, nunca nenhum de nós tivemos anemia nem nada por conta disso. E com o passar do tempo, como ela falava assim “Bom, se uva fermenta, dá pra fazer vinho; então dá pra fazer vinho de jabuticaba. Se dá pra fazer vinho de jabuticaba; dá pra fazer de banana. Se dá pra fazer de banana; dá pra fazer de maçã. Dá pra fazer de morango...”

Mara: Até ela perceber que algumas frutas ficaram mais gostosas se tivesse um pouco mais de açúcar, que foi quando ela começou a fazer o licor. Então assim, ela tinha essa habilidade. Ela conhecia bem os números, então com questão de dinheiro, ela sabia lidar

com dinheiro e ela valorizava muito a gente estudar. Isso tanto a nossa avó Catarina quanto os nossos pais também, porque nossa mãe também não teve muito estudo...

Sueli: E a mãe chegou a fazer Mobral.

Mara: Ela fez o Mobral só até a quarta série, mas uma coisa que eles valorizavam muito, sempre valorizaram, foi a questão do nosso estudo. Haja visto que assim, o nosso material sempre foi o simples, o simples e o básico; porém os livros... O livro que o professor falasse que a gente ia ter que usar...

Sueli: Não faltava nada pessoal. Nunca faltou nada.

Mara: Nunca faltou nada. Poderia ser o mais simples. A cola era mais barata, o lápis também; mas os livros, o caderno, estavam sempre ali.

Sueli: Não faltava material, não faltava uniforme, NÃO FALTÁVAMOS NA ESCOLA DE JEITO NENHUM! Só se for uma coisa assim...

Mara: Só se estivéssemos doentes...

Sueli: Doente, que realmente não tinha condições, mas era religioso, a gente ia na escola.

Mara: Eles sempre acompanharam nossos boletins. Reunião, ela nunca faltou. Nossa mãe nunca faltou em nenhuma reunião de escola. Ela sempre esteve presente. Festas que tivessem na escola, ela sempre esteve presente, e qualquer solicitação extraordinária que a escola fizesse, ela também estava lá. Nosso pai não foi tão presente, dentro da escola, por questões que ele que trabalhava, ele que era o provedor da casa, ele que mantinha as contas. Então, assim, ele sempre esteve trabalhando; porém, ele estava, sim, ciente de toda a nossa evolução escolar.

Sueli: Deixa eu falar só uma passagem. Eu lembro que quando eu estava no terceiro ano na escola, então eu tava começando a estudar verbos e tava aprendendo tabuada, essas coisas. E no final do segundo ano, a Mãe começou a ver que o que ela sabia já não estava sendo suficiente para ela me ajudar na escola. Porque quando eu entrei no primeiro ano, não existia o prézinho ainda. Se existia, era só para gente rico; mas para a gente ainda não existia escola de educação infantil. Então, eu nunca tinha feito Pré; mas eu entrei na escola sabendo o alfabeto, sabendo escrever meu nome, sabendo numerais, e tudo o que vinha, a minha mãe tava sempre ali, auxiliando nas lições de casa. E quando ela começou a perceber que o que ela sabia não estava mais conseguindo acompanhar, foi quando ela resolveu voltar a estudar. Foi quando ela foi fazer o Mobral, à noite. E muitas vezes, eu fazendo a lição de casa, eu ajudava ela com as lições que ela estava aprendendo no Mobral e ela me ajudava. Uma tomava a tabuada da outra, os verbos, a gente estudou muito junta. Então, era muito gostoso isso. Cheguei uma vez a acompanhar ela no curso à noite, que era um dia de festa, tudo, então podia levar os filhos, e nesse dia eu fui com ela. Sentei do lado dela, vi o empenho, ela aprendendo. Isso foi muito importante.

Mara: Eu tive bastante dificuldade com a língua portuguesa quando comecei, no primeiro ano, tudo, e quase todos os dias, se não fossem todos os dias, ela fazia ditado comigo. Até

uma das coisas que a professora falou, que eu tinha dificuldade, mas a minha mãe era muito presente. Então, ela sempre pegava pequenos frases, orações, palavras de um livro que eu estivesse utilizando na escola para fazer o ditado, para eu poder aprender. Ela me auxiliou muito com números, com tabuada, ela tomava tabuada em mim também, para que eu pudesse tá evoluindo na escola. Quase todas as noites também, lembro que ela lia algumas historinhas para mim. Eu tinha alguns livrinhos infantis e ela lia para mim, para que eu sempre focasse na minha aprendizagem.

Guilherme: No caso, além de vocês duas terem uma diferença de 15 anos, o que acaba criando duas pessoas com a mesma origem, mas de diferentes gerações; para cada filho, uma mãe é uma mãe, e... eu gostaria de saber de vocês quais são as diferenças e as semelhanças que vocês percebem, PERCEBEM entre as suas criações. No caso, vocês têm uma diferença de 15 anos, né?

Sueli: É...

Guilherme: Uma é dos anos 60, você (Sueli) é de 66 e a Tia (Mara) é de 82.

Sueli: É... Bom, eu tive uma criação mais rígida, por ser a mais velha e tudo, né, e como cresci com a avó (Catarina), né. Então, tinha que aprender a ser dona de casa! Tinha que fazer todo o serviço da casa, tudo, então... mas tudo que minha mãe ia fazer, eu sempre estava com ela. “Ah, tem que ir no mercado”, eu que ia fazer compras com ela. “Ah, tem que fazer feira”, eu que ia fazer — mas desde pequena — fazer feira. Ela nunca carregava os nossos irmãos. Quem sempre estava com ela, onde ela tivesse que fazer alguma compra, fazer alguma coisa, sempre era eu. E o que acontece? Todas as vezes que a gente tinha que sair pra cidade, resolver alguma coisa, sempre a gente passava em algum lugar pra comer alguma coisa. Então, ela ensinava a gente como usar a faca, o garfo, ia comer pizza brotinho, aquela hora ia comer pastel, aquela hora ia comer uma esfirra, né. Ela sempre procurava levar a gente a lugares diferentes sempre pra comer. Nunca a gente saiu sem ter que passar, sem comer alguma coisa na hora que saísse. Vamos supor, foi no dentista. Saia do dentista, ia comer alguma coisa. Foi no médico, saia do médico, ia comer alguma coisa; mas eu lembro que até me casar, eu e ela sempre fomos muito juntas. pra tudo, unidas demais. Fazíamos... Trabalhávamos, passeávamos, íamos em médico, tudo junto! Daí, depois, quando casei, é como se eu tivesse passado o bastão pra Mara. Agora, uma coisa que ficou bem assim, diferente, porque na época que eu casei, minha mãe tinha uma cabeça muito assim, fechada. Ela achava que eu tinha que casar virgem, que a mulher só podia ter relacionamento depois do casamento, que tinha que casar de véu e grinalda, não podia só casar no papel. Então isso ela frisou muito. Tanto é que eu casei na igreja, mais por conta, para satisfazer um desejo dela. Porque na época, para mim, não era interessante; mas ela queria ver a filha entrando na igreja. Isso era uma questão de honra, era uma coisa muito importante para ela...

Mara: Vestido de branco, de véu e grinalda.

Sueli: É, e foi o que aconteceu. Minha mãe (risos), infelizmente, faleceu sem saber que, quando eu casei, já não era mais virgem, mas isso aconteceu...

Guilherme: Ih, revelação, hein!

Sueli: (risos) É, revelação. Daí, chega, passa o bastão para a Mara, que daí foi com ela...

Mara: Ela, da mesma forma. Ela sempre, para tudo que ela ia fazer, eu a acompanhava. Estive sempre junto com ela, só que a mentalidade mudou muito. Quando eu cheguei, ela quase faleceu no momento do parto; quando eu nasci. Ela falava que tinha nascido de novo. Tanto minha mãe quanto meu pai começaram a observar o quê? O avanço da idade. Então, a minha criação, eu já tinha a Sueli, que já estava com os seus 15 anos e meio, depois...

Guilherme: (Incompreensível)... só, desculpa. Você, mãe (Sueli), ela te teve com quantos anos?

Sueli: 21.

Guilherme: E você (Mara), ela teve com quantos?

Mara: 39.

Guilherme: 39. Ah, tá.

Sueli: Não, não, não, pera. 21 não.

Mara: Não, 21 ela casou.

Sueli: Não, 21 ela casou. Ela... acho que já estava com quase 23.

Mara: É, que ela perdeu um aos 22 anos. Ah! Vamos só fazer um parênteses. Ela contava assim: que ela casou aos 21; com 22, ela perdeu a primeira gestação e aquilo mexeu tanto com ela que ela chegou a pensar até na questão de adoção. Que ela achou que ela não ia conseguir mais engravidar. Então, quando eles estavam estudando... tanto o nosso pai quanto a nossa mãe estavam estudando essa possibilidade de tentar uma adoção, ela descobriu que estava grávida da Sueli. Ela já tinha 23 anos.

Guilherme: E daí você estava falando da história que, quando no seu parto foi muito complicado, ela quase morreu.

Mara: Foi! Na realidade, assim, ela já tinha perdido uma outra gestação antes de estar grávida de mim. E ela tinha uma válvula no coração também, que estava entupida. E o médico queria saber o que ocasionava a perda, o que ocasionava essa válvula entupida e outros problemas de saúde. Ela fez um tratamento pra eu nascer, um tratamento que ela descrevia como doloroso, até complicado, né. Até porque hoje os exames são mais simplificados. Na época eram outros tipos de exames que eram mais sacrificados e não eram tão comuns. Ela fez, ficou grávida de mim, a gravidez decorreu bem; porém, no momento do parto, ela teve uma hemorragia muito forte. Uma hemorragia que nada contraía o útero, e ela chegou a ser dada como morta. Ela tava sendo preparada para ser levada ao necrotério no momento que chegou um médico do interior, que já tinha perdido

três casos daquele jeito. Inclusive a terceira, ele até conseguiu contrair o útero dela, porém ela já tinha perdido sangue demais e acabou falecendo. A minha mãe falava assim que chegavam lençóis e toalhas da lavanderia direto para tentar auxiliar e conter o sangramento, e esse médico chegou falando pra colocar peso, né. Na época se usava saquinhos de areia pra contrair, pra comprimir o útero pra contrair e evitar hemorragia. E foi o que foi feito; porém, ela já tinha perdido os sinais vitais dela. Tava tudo tão fraco, tão fraco, que eles já iam preparar ela para levar para o necrotério. E uma enfermeira observou que a pálpebra dela estava tremendo. Foi quando ela (a enfermeira) falou “Olha! Tá tremendo aqui. Ela ainda tem sinal vital”. Aí foi quando eles ligaram novamente os aparelhos e conseguiram fazer a ressuscitação, tudo direitinho e ela voltar. Então ela falava que ela tinha nascido junto comigo. E aí eles (Abadia e Breno) começaram a observar o quê? O avanço da idade dos dois. Como eu já tinha dois irmãos homens adolescentes, que tinham diversos amigos, que vinham todos pra casa dela — a nossa mãe sempre gostou muito da casa cheia com festa. Isso sempre foi dela. Ela sempre foi festeira. E graças a Deus, assim, nunca faltou comida. Ela sempre fez comida à vontade, a ponto que se chegasse alguém, mesmo fora de hora, e quisesse comer, tinha comida. Sueli: Sempre tinha.

Mara: A gente chegou uma vez ela fazer feijoada pros nossos irmãos e os amigos dele, acho que a gente serviu mais de 20 pratos com a feijoada que ela fez. Porque os colegas dos nossos irmãos falavam “Ah, gente queria comer a feijoada!”. Chamavam ela ou de “Tia Badia” ou, até alguns, que chamavam até de “Minha mãe preta”, que até hoje usam esse termo. E tavam eles lá, todos sentados no quintal, no chão, tudo, pra comer a feijoada da Dona Badia. Então, assim, ela sempre gostou da casa muito cheia, e como todos já eram bem mais velhos, eu fui crescendo num ambiente que eram mais adultos. Mesmo criança, você acaba criando outros hábitos. Eu já fui criada para ser mais independente. Porque uma das coisas que, no caso do meu pai, que falava muito era “E se um dia eu não tiver condições de cuidar de você? de proteger você? Vai ser você por você mesma”. Então, eles queriam que eu estudasse, que eu tivesse mais liberdade, mais responsabilidade, fosse mais atrás das coisas. Então, esse eu acho que é o marco da nossa divisão. A Sueli, eu entendo que ela criou mais pra questão familiar, e eu fui criada mais pra questão de ser mais independente. Mais independência emocional e trabalhar também pra ter independência financeira. Quando eu tive um relacionamento e quando... eu namorei, pus a aliança de compromisso e fiquei noiva. Quando esse relacionamento terminou, eu cheguei a sofrer muito e cheguei a ter um pequeno quadro de depressão. E uma das preocupações dela era justamente o quê? Que eu não ficasse naquele sofrimento, porque eu ia conhecer alguém, eu ia ter minha vida, ia ter minha relação; mas naquele momento eu tinha que me fortalecer. E eu via dessa forma por quê? Porque a Sueli havia passado por esses degraus que seriam o básico do relacionamento, né? namorar, fortalecer o compromisso, ficar noiva e casar. Então minha cabeça tinha muito aquela posição redondinha. E foi aí que ela também começou a mostrar pra mim que não era só isso. Que existiam relacionamentos que não davam certo. E existiam pessoas certas que iam aparecer no seu caminho. Houve uma época, quando teve muito quadro de doença entre a nossa avó, o nosso pai e a nossa mãe ao mesmo tempo, eu me fechei muito dentro de casa e ela tinha muita preocupação de faltar pra mim e eu estar sozinha. Era uma preocupação muito grande dela. Então ela começou a falar assim “Filha, você tem que encontrar alguém. Saia, vai passear! Príncipe Encantado não bate na porta. Príncipe Encantado não vem a cavalo. Vai! Você tem que conhecer alguém. Você tem que interagir com outras pessoas”, e eu falava assim “Mãe,

mas e se eu conhecer alguém que não aceite que eu tenho que cuidar de vocês?”, ela “Não! A gente se cuida. Mas você precisa ter sua família”. E com o passar do tempo, quando eu conheci meu esposo, a gente... quando ele conheceu ela... entre eles, eu posso dizer que foi um amor à primeira vista, porque ela basicamente adotou ele também como filho, a ponto de, se nós discutíssemos, eu era errada e ele era o certo (risos). Muitas das coisas eu vejo nele, muitas vezes e uma fala dela que me marcou demais — porque eu não saí da casa dela pra casar; eu saí da casa dela pra vir morar com ele — e ela sempre falava assim “Filha, eu não me sinto muito bem de falar pras pessoas que você mora com seu namorado”; mas em nenhum momento, ela virou e falou “Não vá!”. Em nenhum momento ela não queria que eu viesse, muito pelo contrário...

Guilherme: Mesmo que tivesse aquela... que ela evoluiu com o passar do tempo, ainda...

Sueli: ... tinha aquela coisa do casar.

Mara: Mas ela estava feliz porque eu tinha alguém, porque eu estava construindo a minha família. Ela estava feliz, mas...

Sueli: Porque o maior medo da avó é de repente ela faltar... ou melhor, da mãe, da minha mãe, da sua avó. De repente, ela faltar e ela não ter ninguém.

Mara: ... eu não ter ninguém. E aí, ela tinha tanta confiança no nosso relacionamento, tudo. Ela gostava tanto dele. Ela ficou muito feliz que eu saí da casa dela, que eu vim pra minha casa, que eu vim morar com o namorado; mas ela não conseguia, ainda dentro dela, na essência dela, a essência dela era o quê? Minha filha vai sair casada. E aí, falar isso pros outros, que eu fui morar com o namorado, aquilo incomodava ela. E conversando com meu esposo... — que hoje, nós somos casados —, nós decidimos casar e dar isso pra ela. Esse gosto dela de saber que nós estávamos casados no papel. Não simplesmente morávamos juntos, que ela tratava como “amigados”, o termo que ela usava. E quando nós casamos no cartório — a gente só casou no cartório —, ela foi minha madrinha de casamento, ela ficou muito feliz, e quando ela nos abraçou para nos dar parabéns, ela falou “Eu já posso partir, porque agora a minha missão tá cumprida, porque minha filha tem alguém”. Foi... é assim, pra ela, aquilo pra ela foi muito importante. Saber que os filhos dela estavam casados, como um... Como que eu posso dizer?

Sueli: Uma missão cumprida.

Mara: Uma missão cumprida mesmo, né.

Sueli: Todos os filhos, todos eles casados, cada um com a sua esposa, com o seu marido. Que ela já tinha cumprido, que agora ela podia descansar.

Mara: Então assim, pra ela, aquilo foi muito importante. O casamento, pra ela, sempre foi uma coisa muito importante. Que por mais que ela evoluísse o pensamento dela, as aceitações das mudanças da sociedade, aquilo pra ela foi muito importante...

Guilherme: Justamente porque ela sofreu muito por ser... filha de mulher desquitada.

Mara: Desquitada. E eu lembro que no dia do meu casamento, Nós havíamos marcado de se encontrar diretamente no cartório. Aí eu levantei mais cedo, passei a mão na minha roupa e eu fui pra casa dela. E quando eu cheguei lá, ela olhou pra minha cara e falou assim “O que aconteceu?”, surpresa. “Você desistiu?” Eu falei “Não! Eu vim me trocar pra sair daqui de casa com vocês” e foi um sorriso, uma felicidade dela que foi um ato tão simples; mas pra ela aquele momento era importante. Eram coisas assim, ela era uma pessoa que ficava feliz com pequenos detalhes, detalhes daquilo que eram grandes valores para ela. Foram grandes valores por quê? Porque em algum momento da vida dela foram causas de sofrimento por não ter. Ela sempre falou muito pra nós também que ela não teve uma festa de casamento do jeito que ela queria...

Sueli: Tava pensando nisso agora (risos).

Mara: O casamento dela, ela não ia fazer festa, não ia fazer nada; mas quando a Sueli foi casar, a Sueli falava “Mãe, mas a senhora casou e eu não vou fazer festa. Eu não tenho condições”, e ela falava assim “Só que quando eu saí da igreja, todos os carros dos convidados me seguiram. Foram pra casa da minha patroa, porque eu saí da casa da minha patroa pra casar” — porque ela não tinha uma casa. Ela saiu da casa da patroa dela pra ir casar. E aí ela falou assim “Chegando lá, a gente foi cortar pão pullman pra passar maionese pra fazer um pequeno canapé, uma coisa rápida pra servir pras pessoas, porque a gente também não tava esperando festa”. Então, a festa da Sueli, na realidade, como ela sempre foi festeira e ela nunca gostou que faltasse comida, porque comida sempre tinha que ter, sempre tinha que servir todos, né. Ela precisava, a Sueli precisava fazer uma festa, porque se as pessoas saíssem do casamento e seguissem a Sueli e não tivesse festa, como que ela ia encarar as pessoas no dia seguinte? Então, assim, a festa da Sueli foi criada com... foi aparecendo convidados que foram contribuindo. “Ah, pode deixar que eu dou salgado”...

Sueli: Nossa, parece que Deus deu um... foi abençoada!

Mara: Foi abençoada.

Sueli: Ganhei o bolo, ganhei os salgados, ganhei o pãozinho pra fazer a carne louca. Cada um chegava “Ah não, eu vou dar tanto de esfirra”, o outro “Ah, eu vou dar...”

Mara: Até o bolo de casamento, que lá quando a gente falou das famílias numerosas que moravam perto dela e que todos conheciam; que nós íamos, né, casamento, aniversário de todos. A família inteira era uma família que fazia bolo. Então, quando a Sueli convidou, eles pegaram e falaram assim “Então a gente pode te dar de presente o bolo de casamento?”, que foi uma coisa que a família inteira se uniu. Fez um grande bolo, que serviu todos, né...

Sueli: E ainda sobrou...

Mara: E ainda sobrou...

Sueli: Um bolo muito bonito.

Mara: E então assim, a Vó (Abadia) tinha essa coisa, essa necessidade de estar cercada pelas pessoas, de ter esses detalhes. E aí...

Sueli: Só um detalhe. Esse negócio de estar cercado pelas pessoas, o que acontece? A gente viu com a mudança do passado dos anos. Porque quando eu entrei na escola, era uma época que as mães... Era muito difícil uma mãe trabalhar fora. Mãe, geralmente, ficava em casa para cuidar dos filhos. Então, as mães tinham tempo para estar participando de clube das mães, da PM; ser uma mãe mais participativa dentro da escola. E com isso, as mães iam levar os filhos na porta e começaram a fazer amizades, e minha mãe conseguiu fazer grandes amizades, a ponto de... foi numa época que começou a aparecer as reuniões de produto de limpeza, de beleza. Então tinha aquelas reuniões... Depois apareciam as reuniões de... plástico né, de tigela...

Guilherme: da (nome de uma famosa marca de tigelas citada).

Sueli: ...é, tudo. Não sei se pode citar o nome...

Guilherme: Ah, é, não, ah tá...

Sueli: Não, não pode citar.

Guilherme: Qualquer coisa apaga.

Sueli: Então aquelas reuniões que daí convidava sempre as pessoas, ficava, depois tinha um lanchinho, ficava aquele chá da tarde. Então pelo menos uma vez na semana tinha na casa de alguém. E ia na casa de alguém, mais alguém marcava, daí ia na casa de outro alguém e assim por diante.

Mara: Detalhe que nessas reuniões, geralmente a pessoa que estava fazendo a reunião, ela dava um prêmio, né... uma premiação pra anfitriã. E muitas das coisas que nós herdamos ou que nós tivemos nossos enxovais pra casar, veio de que a nossa mãe ganhava...

Sueli: E ia guardando.

Mara: E ia guardando e dando pra gente montar o nosso enxoval. E por não ter tido uma festa de casamento do jeito que ela queria, não só no casamento da Sueli — que ela queria que fizesse —, como foi também no casamento do nosso irmão, né... do Ronaldo. Já do Paulo, o Paulo só casou no civil, também fez apenas um almoço.

Guilherme: Outra coisa. No caso — também situar esse outro braço da árvore genealógica. A Vó Badia, ela teve... é... quatro filhos. No caso, você, Sueli, foi a mais velha. Depois veio o...?

Sueli: O Ronaldo...

Guilherme: O Ronaldo.

Sueli: e o Paulo.

Guilherme: e o Paulo, posteriormente. E a última caçula é você... Tia Mara...

Mara: Foi eu. Dez anos e meio depois do Paulo.

Sueli: Na verdade, era assim: Eu, dois anos e meio depois, veio o Ronaldo. Dois anos e meio depois do Ronaldo, veio o Paulo...

Mara: DEZ ANOS E MEIO depois, eu nasci.

Guilherme: Dez anos e meio. Olha gente!

Sueli: E gozado que todos os genros e noras, a avó sempre tratou como filho... e filha. Sabe? Era muito importante o carinho que ela tratava cada nora e cada genro. E todo mundo tinha um respeito muito grande por ela. Era “Dona Bá”, “Dona Bá”, “Dona Bá”...

Mara: E nesse Dona Bá...

Sueli: ... ela conquistou todo mundo, porque... Meu pai sempre foi mais severo; mas minha mãe, ela tinha uma coisa; ela tinha uma aura iluminada, que ela agradava. Ela conseguia cativar todo mundo.

Mara: Ela assim... quando eles completaram cinquen... iam completar cinquenta anos de casados, nós, os quatro filhos, nos unimos e conseguimos fazer uma festa de... como se fosse uma renovação de votos, né...

Sueli: Bodas de ouro.

Mara: Bodas de ouro pra ela... E nós preparamos a associação do bairro. E ela havia pedido pra nós apenas pra que a gente conversasse com o padre, só pro padre dar uma bênção. Era isso que ela queria! Uma bênção e um bolo e uma champanhe. E a gente..., digamos assim, criamos uma proporção de um pequeno... uma pequena cerimônia de casamento. Nós fomos conversar com o padre, o padre falou que iria, né, celebrar... essa renovação de votos. Nós preparamos o ambiente da associação do bairro como se fosse um... um salão; uma pequena igreja pra pequena cerimônia. Preparamos roupa; cabelo; compramos acessórios, né; contratamos uma pessoa pra fazer o bolo; os docinhos; os salgados...

Guilherme: Essa festa foi quando mesmo, dos cinquenta anos de casado deles?... Foi em 2015.

Mara: Não, dois mil e... catorze?

Sueli: Acho que foi catorze.

Mara: Catorze.

Guilherme: Não, foi em 2015.

(Risadas gerais)

Sueli: (em tom descontraido) Não, se você tá falando...

Mara: Se você tá falando, eu acredito que...

Guilherme: Não, porque como eu tô na entrevista aí, aí eu pergunto “Ó, gente, não foi em 2015?” (Dito em tom jocoso, de quem tenta impor uma informação).

Sueli: Tá bom, foi em dois mil... Porque pra datas assim, pra gente é horrível...

Mara: É, pra mim, assim, o ano em si... Porque... Não, porque eu conheço...

Sueli: É, 2015, porque ela casou em 65. Tá certinho.

Guilherme: Ela casou em 65...

Sueli: ... 50 anos em 2015, tá certo.

Mara: E nós preparamos essa... essa... pequena cerimônia pra ela. Então, é... fizemos até retrospectiva e tudo mais, e ela não estava sabendo de nada, porque com a Sueli morando perto, todos os dias eu ia um pouquinho na casa da Sueli, e ela só falava assim “O quê que cê vai fazer lá?”, “Ah não, eu vou conversar com a Su”. E ali, a gente foi preparando as coisas, decorando toalhinha de mesa e no dia em si, ela só sabia da roupa que ela ia ter, mas até então...

Sueli: ... Foi fazendo convite, retrospectiva...

Mara: Fazendo convite e tudo. Aí, dois dias antes, nós contamos que íamos fazer uma coisa um pouquinho maior, né; que íamos convidar outras pessoas, até porque a gente tinha medo que tanto ela quanto o nosso pai... emocionalmente acabasse..., de felicidade, acabasse tendo um troço, né. Afinal de contas, a idade avançada tem dessas coisas...

Sueli: Mas ela achava que ia ser na minha casa.

Mara: Mas ela achava que ia ser na casa da Sueli e ela viu o convite.

Sueli: Ahn?

Guilherme: No caso... nessa época, 2015...

Mara: Ela chegou a ver o convite. A gente chegou a fazer a impressão de um convite nessa época, né... dos preparativos. Só que a gente avisou o quê? Foi na semana da cerimônia.

Guilherme: Em 2015, é... só situando geograficamente. Em 2015, a Vó, que morava lá no Cabuçu, tinha como vizinha... vizinha, né, praticamente...

Sueli: É. Era quatro casas ao lado.

Guilherme: Quatro casas ao lado a...

Mara: A Sueli.

Guilherme: A Sueli.

Mara: Eu era solteira, morava com ela (Abadia), né... então tudo girou em torno disso.

Guilherme: E do outro lado da rua é que era a associação de moradores onde ocorreu a festa.

Sueli: Eu fui realmente morar, porque até então morava na Casa Verde. Fui morar ali no bairro do lado, por conta que ela que me indicou que a casa tava vaga, quando o seu pai faleceu, entendeu? (...)

Guilherme: "Seu pai, meu marido"...

Sueli: ...O meu marido, Francisco, faleceu. No caso, você, entrevistador, estava com 10 anos, né (risos do entrevistador). E ela que chegou falando porque que eu não voltava morar lá no Cabuçu, perto deles, né...

Mara: Até porque não tinha ninguém da família próxima, né... a Sueli. Então, ela tava sozinha, com dois filhos, né? E aí, no caso, vindo pra perto... porque, assim, na realidade, a mãe era assim, se ela pudesse construir as casas dos filhos no terreno dela e todo mundo morar debaixo da asa dela, ninguém nunca tinha ido pra lugar longe. Ela teria... nós todos teríamos ficado ali. E uma das preocupações era justamente como proteger a minha filha e os meus netos estando longe. Então o mais perto possível eu vou estar aqui para ajudar... no que for preciso. Então ela indicou que a casa estava para alugar, trazendo... falando para a Sueli, que justamente era a casa de uma das amigas dela, que ficou idosa e necessitou ir morar com a filha. A filha era também amiga da Sueli, então acabou facilitando essa contratação, esse aluguel da casa, favorecendo a Sueli para alugar a casa.

Sueli: E com isso ela acabou também me ajudando muito, porque no caso você, entrevistador (risos do entrevistador), era pequeno, precisava ir para a escola, precisava pegar ônibus, então ela que dava o almoço. Quando a sua irmã saía para ir para a escola, você pegava sua mochila e sua roupa, você ia para a casa da avó, ficava lá até a hora de ir para a escola... (trecho incompreensível. Interrupção).

Mara: E outra, era um recomeço, né. Porque na realidade assim, a avó, ela sempre teve muita experiência do quê? Do que ela passou com a separação dos pais dela. Mas ela não tinha a experiência de ter alguém na família que tivesse ficado viúva com filhos pequenos. Então ela tinha essa preocupação também. Foi uma novidade, foi um recomeço e foi muito importante para ela estar participando desse recomeço da sua... da Sueli também. E pra Sueli também foi importante porque...

Sueli: Porque precisava... (trecho incompreensível).

Mara: Precisava desse... dessa base, desse abraço da família. Então ela voltou a morar próximo à nossa mãe. E aí, com todo esse preparo tudo, quando chegou no dia que o nosso irmão levou ela, foi até a porta da igreja, a igreja estava fechada porque a cerimônia não...

Guilherme: No dia da festa.

Mara: ... ia lá no dia da festa. E aí ela voltou lá. “Nossa, tá fechado”. Ele, “Ah, eu acho que o padre esqueceu”. Foi quando ele fez a volta e quando ele trocou ela na sede, na associação do bairro, que ela chegou, que ela desceu. Aí ela ficou muito emocionada, porque a bodas de ouro dela foi a festa de casamento que ela nunca tinha tido. E isso também nos deixou muito orgulhosos, porque a gente pôde proporcionar pra ela uma felicidade tão grande, daquilo que ela tanto valorizava que era... o matrimônio.

Sueli: É... (voz embargada) Foi um dia muito, muito importante, porque nós pensamos em todos os detalhes. Lembro como se fosse hoje que nós fomos na 25 (Rua 25 de Março, um dos principais pontos de comércio da cidade de São Paulo) para comprar as coisas para a festa e nós entramos numa loja que tinha os noivinhos e, de repente, a gente achou os noivinhos IDOSOS. A noiva era negra, o...

Mara: O noivo era branco.

Sueli: O noivo era branco, meio gordinho, bonachãozinho, e os dois pareciam com a mãe e com o pai. Nossa! Na hora eu comecei a chorar em toda a loja (risos), porque eu já fiquei emocionada de saber o que a gente tava fazendo, que não era uma coisa tão simples. A princípio ia ser uma coisa simples, mas a gente começou a pensar em cada detalhe, em cada coisa... (trecho incompreensível)

Mara: A gente pode citar a questão religiosa?

Guilherme: Pelo... Olha, não! Pera. Porque essa parte da questão religiosa... Só segura um pouquinho, que a gente vai entrar nesse assunto. No caso, mais...

Mara: Não, só um parêntese, só um parêntese. A questão religiosa. A nossa mãe sempre foi espírita, né. E ela sempre foi muito devota de Nossa Senhora de Aparecida que, no sincretismo religioso seria Oxum, né; a orixá do ouro. do dourado, e isso visto na religião da Umbanda, que era a religião que ela professava. E aí, nesse caso, quando nós fomos escolher a cor do tecido para fazer a roupa dela, nós achamos um tecido que era um... amarelo voltado... um dourado, né; era um cetim dourado. E ela falava que ela queria um tailleur, Então a roupa dela foi justamente o que? Foi um tailleur de cetim dourado, um cetim mel puxado para o dourado, aonde ela também estava valorizando ali a orixá que ela tanto era devota, que era Oxum.

Guilherme: O tailleur... ela foi enterrada com o tailleur, não foi?

Sueli: Não.

Mara: Não.

Sueli: Infelizmente, a gente não tinha como tá entrando dentro do quarto para pegar as coisas e acordar o pai. que na época, como meu pai teve encefalite, né...

Guilherme: Ah, então não foi com a roupa das bodas...

Sueli: Não. Ela foi enterrada com uma troca de roupa que eu tinha em casa já, porque a gente tinha medo de entrar no quarto e ele acordar e querer saber o que tava acontecendo, porquê que tava mexendo nas coisas dela, entendeu?

Guilherme: Ah, sim.

Mara: É... e assim, ela casou com essa roupa, com um terço. Esse terço ela ganhou de uma amiga dela; um terço que veio de Portugal, e ela casou com esse terço nas mãos, e... as alianças, foram as alianças deles mesmos, que era já do casamento deles, que eles utilizaram; porém nós compramos um par de alianças fictício, no momento que o padre perguntou se eles aceitavam tudo que podia entrar as alianças. E quem entregou as alianças pra ela foi justamente a neta mais velha, com o esposo e o bisneto. Que também foi um momento muito emocionante, quando ela viu ele entrando de terninho, segurando, aos dois anos de idade, segurando uma caixinha de joias no formato de uma rosa. entregando para eles as alianças. (Trecho incompreensível) Nós procuramos pensar em detalhes que fossem valorizar cada coisinha emocional, cada valor, né... que ela havia passado para nós de emoção, que aquilo deixava ela emocionada, transformar aquilo de uma forma concreta para tornar um momento mais especial possível.

Guilherme: É... No caso, cês citaram as bodas da Vó, né, com o Vô... as bodas de ouro. E eu queria já casar com a pergunta: Como que era a relação da avó com a Bisa? Que as duas moraram juntas a vida toda, exceto com a pequena separação que tiveram no começo... nos primeiros anos, quando a Vó veio para São Paulo e daí, só depois, a Bisa veio; mas as duas moraram juntas a vida toda... junto também com como que era a relação da Vó com o Vô... e como que vocês viam isso tudo? E como que vocês viam a avó nessas relações?

Sueli: A princípio, né, uma das condições da avó, da minha mãe poder casar com meu pai seria, tanto é que foi... a princípio, ela pôs como empecilho pra não casar; que ela tinha que cuidar da mãe dela. Só que meu pai falou que... ele iria tomar conta, até o fim da vida, da Vó; que não era o problema, não era isso... (trecho incompreensível).

Mara: Ele ajudaria ela a cuidar da mãe dela até o final da vida, eles estariam juntos e Ele assumiria esse cuidado junto com ela.

Sueli: Tá! Daí, então, ela já não tinha mais como falar que não queria casar, porque ela arrumou alguém que queria estar junto com ela. Tá bom. Ela se casou, tudo, foi morar no Alto Mandaqui (bairro da zona norte de São Paulo) numa das casas... de aluguel do pai do nosso... do sogro, né; uma das casas de aluguel. E...

Guilherme: Do sogro dela, o Pedro.

Sueli: O Pedro, pai do Vô Breno. Daí começou a vida de casado lá. Com o passar do tempo...

Mara: Família morando junto sempre tem os atritos, as desavenças, né? As pequenas discussões e aí por uma divergência de... Vamos dizer assim, divergência de ideologia, né? Divergência de conhecimento, de tudo. Acabou que uma discussão entre o nosso pai e o nosso avô, ele saiu daquela casa indo morar no Jardim Cabuçu...

Sueli: Sendo que essa casa foi adquirida com um acordo que ele fez na firma, quando ele completou acho que 10 anos de empresa, né? Ele fez um acordo, conseguiu pegar um dinheiro, tudo, eu acho que até fundo de garantia, e foi quando ele comprou; deu entrada na casa, né... Lá no Jardim Cabuçu. Só que ele nunca comentou isso com o pai.

Mara: Com o pai dele.

Sueli: Então, quando teve essa divergência, o nosso avô achou que ele ia pra debaixo da ponte; que ele não ia ter pra onde ir, já que ele não ia morar mais lá com ele, sendo que lá ele pagava aluguel.

Mara: Mas assim, era aquela coisa. O nosso avô, ele... “Eu sou o chefe da família, você mora no meu terreno, você anda nas minhas leis, e qualquer coisa que eu não gostar, eu posso chegar e falar pra você que eu tô te mandando embora”. Porém, ele achava que ele ia mandar embora, mas o nosso pai ia voltar pedindo perdão, “deixa eu ficar aqui, pelo amor de Deus”. Por quê? Ele tava colocando pra fora não só o nosso pai, mas também a esposa dele e a filha dele. E sem saber que a nossa mãe já estava grávida do segundo filho... (trecho incompreensível)... Que ele sempre falou que ele queria um neto homem pra continuar o sobrenome da família. Porque naquela época era justamente o quê? A mulher quando casava, até o sobrenome era o sobrenome do marido, que era valorizado, como nós citamos no início, né. Era o sobrenome do marido que era valorizado. E a mentalidade do nosso avô era tão forte isso que ele falava “Eu quero um neto homem pra continuar o sobrenome da família, porque o dia que eu tiver um neto homem eu posso até morrer”. E ele não sabia que ela estava grávida e achou que ela ia para debaixo da ponte. E quem estava morando nessa casa que já havia sido adquirida era a nossa avó, Catarina. Que acabou... ela tinha... tava construindo a vidinha dela, a liberdade dela. Era o espaço dela. E com a chegada deles, ela não entendeu que a... na mentalidade dela, ela não entendia que a casa era do nosso pai e da nossa mãe e ela estava morando ali pra guardar. Ela entendia que ELES vieram e invadiram a casa dela. Que eles vieram morar com ela. MESMO SABENDO, mesmo sabendo, ela tinha consciência de que quem comprou a casa e que ela estava ali só pra tomar conta. Porque se deixasse o terreno desocupado, sem ninguém, as pessoas, alguém... algum interesseiro poderia tomar conta. Poderia tá lá morando, poderia roubar o material de construção e tudo mais...

Sueli: E era o que estava acontecendo quando. Eles colocaram ela para cuidar da casa.

Mara: Então, ela ficando ali, ela achou que... “É minha!”, mesmo sabendo que a casa era deles, que ela estava ali só para tomar conta. Só que quando eles vieram, foi meio como se ela sentisse que invadiu o espaço dela e isso gerou um atrito até o final da vida deles... Que era uma coisa que qualquer discussão a gente escutava isso.

Sueli: Foi que na verdade foi feito um... trato de boca, vamos supor. “Ah, quando a gente vem pra cá, a gente constrói um quarto pra senhora. Se a gente precisava vir pra morar aqui, a gente constrói um quarto pra senhora”.

Mara: E esse quarto seria tão independente que a porta seria pra rua e ela não teria nem... nós não teríamos acesso ao quarto dela e ela não teria vínculo com a casa.

Sueli: Só que as coisas não aconteceram... (trecho incompreensível) pensaram, né?

Mara: É, até porque o espaço do terreno também não era propício pra tal coisa. Foi tudo muito de repente, precisou vir, e em questão de situações financeiras, também nunca foi possível a construção desse espaço. Também por questão da saúde dela, que ela tinha uma saúde um pouco debilitada, e um espaço tão fechado e tão restrito, que ninguém chegasse até ela... Ela teve diversas crises que... parecia... parecia uma crise convulsiva, que ela ia para o hospital. A princípio, os médicos achavam que ela estava tendo pequenos derrames. Posteriormente, já numa idade bem avançada, nós descobrimos que eram crises renais, por problemas de má formação renal, de quando ela nasceu, que piorou, que agravou o quadro da vida dela. Então assim, quando ela passava mal, ela não conseguia nem chamar pra pedir ajuda. Imagine se ela ficasse morando ou em algum lugar separado, ou num quarto que ninguém pudesse nem entrar. Que era o que ela queria. Ela queria entrar lá dentro, trancar a porta e não ter vínculo. Então, isso acabou não ocorrendo. E aí ela... Ela criava diversas desavenças entre eles, discussões entre eles, era isso que era citado. Durante todo esse período, a nossa mãe sempre intermediou essa convivência entre os dois, tentando ser da melhor maneira possível, onde ela não pendia nem para o lado da mãe e nem para o lado do esposo; ela sempre ficou no meio. só mantendo. Nunca, NUNCA, frisando a palavra NUNCA, houve agressões físicas ou palavras de baixo calão. Porém, haviam sim discussões e desavenças dentro desse relacionamento, desse convívio entre eles dentro da casa. Nosso pai NUNCA levantou a mão pra nossa mãe e...

Sueli: Em hipótese nenhuma.

Mara: Em hipótese alguma, tá? Deixar isso muito claro. Mas sim, ele sentia. Por quê? Porque a mãe dele já havia falecido. Ele falava que ele tinha um carinho muito grande pela nossa avó, mãe da nossa mãe. Porém, ele sofria por quê? Porque ele foi rejeitado por ela. E essa questão... de território, digamos assim, de ambos. Ambos queriam ser os chefes da família, queriam mandar dentro da casa.

Guilherme: Então, no caso, o que se tinha era um conflito da Bisa, que já tinha essa mentalidade de que o espaço dela foi invadido, e que até mesmo por... ter passado toda a vida sendo... ter se separado numa época em que isso era mal-visto e que também foi, criou a filha sozinha... via ela mesmo como a chefe que a família precisava.

Sueli: E tanto é que ela se sentia... (trecho incompreensível) Ela se sentia tanto dona da casa que minha mãe nunca pôde ser, totalmente, a dona da casa. Ela que guardava os mantimentos, ela que falava o que precisava comprar ou deixar de ser comprado, ela que decidia as coisas que podia ou não fazer na casa. Quer dizer, minha mãe, ela

nunca teve aquela voz ativa.

Mara: Ela nunca... a nossa mãe nunca saiu da posição de filha...

Sueli: A casa era da minha avó.

Mara: A mãe-dona da casa. Tanto é que a nossa avó se gabava de quê? “Eu criei meus netos, eu ajudei a criar meus netos”. Ela não trabalhava, isso não se referia a financeiramente, mas sim na questão de educação. Ela falava assim “Eu que eduquei! Eu que tava aqui!”, porque tudo era decidido por ela. E no caso do nosso pai, ele já não aceitava tanto isso, porém ele respeitava — porque ele também tava o dia todo fora trabalhando —, mas gerava esse conflito entre os dois. Então a nossa mãe sempre esteve ali intermediando tudo, tentando apaziguar as duas partes. Até ela falava muito “Meu signo de libra é uma balança. Eu tô sempre equilibrando os dois lados”.

Sueli: E por isso, pelo fato dela nunca ter sido, assim, aquela... considerada a DONA DA CASA, que minha avó não deixava, ela começou a sair e fazer cursos. Ela foi fazer curso de corte e costura, ela foi fazer curso de pintura em tecido, foi fazer curso de pintura. Em gesso...

Mara: Chegou a fazer curso de empre... empreendedorismo.

Sueli: É, que foi quando foi fazer... como tingir tecidos. Então, ela vivia fazendo cursos. Foi quando ela voltou a estudar, foi fazer Mobral — um dos primeiros foi o Mobral —, depois foi curso de corte e costura, curso de crochê. Então, a Dona Badia, em si, ela tinha muito certificado de vários cursos que ela fez. Até que ela fez o curso de manicure e, com o curso de manicure, ela começou a fazer a unha das amigas, das vizinhas e começou a ter um dinheiro extra. Ela sempre fez as coisas, fez curso de pintura, começou a pintar tecido, pano de prato, camiseta...

Mara: Nosso pai era o provedor da casa, mas para as coisas básicas, pro bruto. Água, luz e alimento. Isso não faltava, e as coisas para a nossa educação. Porém, os... os pormenores que era uma calça que rasgava, uma camiseta que ficou pequena, um jogo de lençol, uma toalha de mesa, essas coisas, pro nosso pai, ele já não via isso como importante. Então, esse dinheirinho que ela ia tendo, era o dinheiro justamente do quê? Dessas coisas. Do repor um sapato que furou... nosso; comprar uma roupa que tivesse mais adequada ao nosso tamanho... também, por exemplo, alguma coisa, algum doce que a gente quisesse comer, porque a alimentação era o básico, né? Era aquilo que tinha que ser pra todos. Então, na época, por exemplo, nosso pai não era aquele que “Ah, vou comprar um pacote de bolacha com recheio de morango porque ele gosta, um pacote de bolacha com recheio de chocolate...” Não! “Vou comprar um pacote de bolacha de maisena, que vem em uma quantidade que todos possam comer”. E nós aprendemos dessa forma também. Então, por exemplo, “Ah, vou abrir um ovo de Páscoa”. Esse ovo de Páscoa, todos nós sentávamos e a gente dividia. E quando eu chegava a Páscoa, se ela tinha tido esse dinheirinho, se ela tinha feito ruim e tudo mais, ela conseguia dar o ovinho de Páscoa pra cada um. Mas a gente já tinha essa consciência de que a gente ia abrir, que ia dividir com todos, e sempre foi assim. Então... é esse dinheirinho que acabava trazendo essa, digamos assim, esse conforto. O nosso pai não deixava faltar nada. O nosso pai trazia o recurso. Ela, o conforto.

Sueli: Então o que ela começou a fazer? Ela aprendeu pintura em tecido, começou a fazer pano de prato para vender. A Dona Catarina, a Vó, ia, alvejava os panos, né — que era saco de açúcar — e comprava, alvejava. A mãe sentava na máquina, fazia a bainha. Depois, ela ia, pintava, e a dona Catarina fazia o crochê. na beirada dos panos e elas vendiam. Daí quando vendia, dividia o dinheiro entre elas e ela ia guardando. Depois ela fez o curso de manicure, ela começou a fazer unha pra fora também. E o dinheiro que entrava era o dinheiro que ela ia comprando as coisas pra casa, as coisas pra gente...

Mara: Ela fazia as economias dela pros nossos presentes de Natal, né. Haja visto que nossos presentes geralmente giravam em torno de roupa e sapato...

Sueli: Coisas que a gente precisava.

Mara: ... precisava... quando eu nasci a situação já era um pouquinho, digamos assim, um pouquinho melhor. Por quê? Há dez anos e meio atrás, até quando o Paulo nasceu, eles eram um casal que tinham três filhos. Então era difícil comprar três, né? Pra três. E quando eu nasci foi quando a Sueli já estava começando a fazer aula particular. Os meninos começaram a ser ajudantes em mercado e traziam dinheirinho. Então, digamos assim, que quando eu nasci as coisas estavam um pouquinho melhor. Já dava pra ter um confortinho um pouco melhor, né. Já dava pra ter... assim... uma sobremesazinha, um chocolate, alguma coisa nesse sentido, digamos assim.

Sueli: Cada um colaborava um pouquinho.

Mara: ... Então já tava um pouquinho mais fácil, mas... E era onde ela começou, as economias dela eram sempre voltadas. O primordial pra nossa mãe: o bem-estar da família dela, dos filhos dela... E isso, até mesmo, pros que estavam casados, a preocupação delas era se nós estávamos sempre bem. Dentro de casa nunca faltasse nada pra nós, mas mesmo a gente casado, que nunca faltasse nada da nossa mesa.

Sueli: Isso é verdade. E...

Mara: Ela podia não ter nada. O pouco que ela tinha, ela sempre tirou do dela para que gente... pra que nós não ficássemos sem nada.

Sueli: E depois melhorou um pouco mais a situação quando o pai se aposentou e continuou trabalhando. Então ele tinha a aposentadoria e mais o salário da firma. Ele não aposentou e foi dispensado, não. Eles continuaram com o pai no mesmo ser... no mesmo serviço ele continuou trabalhando, só que ele recebia aposentadoria. Então essa renda a mais que foi entrando em casa também ajudou um pouco... ajudou um pouco não! Ajudou MUITO, porque daí a Mara pegou uma situação mais tranquila também. Daí começaram a entrar coisas dentro de casa que antigamente não entrava, que era refrigerante com mais frequência... E... frios, né. Eram coisas que quando a gente era pequeno, já não tinha.

Mara: Haja visto que houve uma época em que a nossa avó criava frango, frango, pato e desses... eram... animais que eram criados que poderia prover o alimento mesmo.

Sueli: A gente só comia carne de frango criado em casa, os ovos também... a gente pegava em casa. É... ovo de codorna, que tinha codorna também.

Mara: Voltando um pouquinho a introdução pra Dona Catarina, como ela sempre veio do interior, ela sempre gostou muito dessa questão do cultivo de animais — que poderiam prover o alimento — e também de plantação. Então, em casa, nós tínhamos a parreira de uva, quando ela começou a fazer o vinho, nós tínhamos o pé de ameixa, pêssago...

Sueli: Laranja, banana...

Mara: Chegamos até o pé de café. A gente chegou a tomar café colhido do pé, torrado, tudo em casa, feito todo o processo que ela sabia.

Sueli: A gente era muito doce de amora, porque tinha uma amoreira enorme. Era pé de laranja, fazia doce de pêssago.

Guilherme: E no caso, só fazendo aqui uma intervenção, né. Porque... — Mara: LIMÃO! — mesmo sendo entrevistador... POR DEUS, eu vivi com ela quatro anos e morei na mesma casa, tendeu. Tanto é que tem esse detalhe também. Eu já morei com a minha avó. A Vó... a Bisa é que gostava do terreno...

Sueli: Da plantação. Porque quando comprou o terreno, ou melhor, quando comprou a casa, não nascia nem capim de tão duro que era o chão. E quando a Dona Catarina começou a morar...

Mara: Ela gostava do cultivo, né.

Sueli: ... Ela fez o quê? Ela comprou dois caminhões de terra, espalhou no quintal todinho, ia na... — Tinha várias chácaras ali no Cabuçu — ela ia pra pegar esterco de vaca, de cavalo. Ela adubou tudo ali e, ali, todo mundo chamava de pulmão do Cabuçu, porque tinha muitas árvores. Tinha um pé de cada fruta, bem dizer, ali. Então, ó...

Mara: Pitanga, romã, pêssago, ameixa...

Sueli: Amora.

Mara: Amora, uva...

Sueli: Laranja.

Mara: Laranja...

Sueli: Mexerica...

Mara: LIMÃO!

Sueli: Goiaba.

Mara: É... aí tinha o pé de café. Às vezes, ela fazia...

Sueli: CANA!

Mara: ...uma pequena hortinha de salsinha.

Sueli: (Trecho incompreensível) na horta tinha salsinha. Olha, a gente chegou a ter tomate, chegamos até...

Mara: Chuchu!

Sueli: Chuchu? Nossa! Dava de monte ali. Chegamos até ver... o abacaxi nascendo, então a gente chegou a comer abacaxi...

Mara: Morango!

Guilherme: Arvore da ro...

Mara: PIMENTA!

Sueli: FIGO!

Mara: Pezinho de pimenta.

Guilherme: E a arvore da romã também.

Mara: Então... o chuchu, ele... nascia tanto chuchu que ela chegava a dar pacotes de chuchu para os vizinhos.

Sueli: E tinha cará de rama também.

Mara: E cará de rama também.

Guilherme: E fora que também, até mesmo... quando eu era criança ainda tinha... bastante, bastante espécies ainda no quintal. Tinha trombeta-de-anjo, tinha a árvore de jambu, tinha patili... ou era lavanda, aquela roxa que ficava no portão?

Sueli: Aquela lá era... saião, não é? Tinha saião...

TODOS FALANDO JUNTOS

Guilherme: Que era aquela roxinha. Que parecia a lavanda...

Sueli: Brinco... brinco de princesa.

Mara: AHHHH, BRINCO DE PRINCESA!

Guilherme: Brinco de princesa. Tinha aquela amarela, que é ca... cama...

Sueli: O camarão.

Guilherme: Camarão.

Mara: Algumas ervas medicinais, como ela tinha...

Sueli: Flor-de-maio.

Mara: ...o boldo. a...

Guilherme: Guiné!

Sueli: Beladona

Mara: Guiné, a beladona e o... era...

Sueli e Mara: SABUGUEIRO!

Mara: Que chegaram até a roubar o pé de sabugueiro. Mas enfim, teve também...

Guilherme: Isso tudo tinha no quintal, mas a avó odiava planta...

TODOS FALANDO JUNTOS

Mara: ... A Dona Badia não sabia cuidar.

Sueli: Ela não gostava.

Mara: Ela não gostava, não é. Por quê? Ela também havia, quando era pequena, havia crescido nesse ambiente. Então, assim, pra ela, ela não gostava. Tanto que, quando a gente comentava — EU, particularmente — eu falava assim “Ah, se eu tivesse oportunidade, eu ia morar no interior”. Ela “Eu? DEUS ME LIVRE! Eu não moraria. Eu vou passear, mas no interior eu não volto mais”. Ela sempre gostou da cidade, da agitação da cidade.

Guilherme: Citadina.

Sueli: Você, que nem. Eu convidei ela pra ir pra praia, ela foi. Foi e adorou ir pra praia. E em compensação, quando a gente alugou o sítio que eu fui chamar ela “Eu não! Vou ir pra meio do mato. Não gosto de mato”.

Mara: Ela não gostava. Não foi uma experiência boa quando ela era pequena. E já no caso quando a gente falava assim “Ah, vamo pra praia”, ela gostava por quê? Porque ela gostava dessa agitação de cidade, né. Nossa avó não, nossa avó sempre foi do interior, sempre foi da zona rural, ela sempre gostou, então ela trouxe um pouco disso pra dentro da nossa casa.

Guilherme: No caso, eu falei que isso tinha até a minha... até quando eu era criança, ainda tinha bastante... Bastante espécies ainda no quintal, porque nos últimos anos, já não tinha mais TANTA, tanta variedade...

Sueli: É, por causa da construção...

Mara: E também, quando a Dona Catarina ficou doente... A doença dela assim, ela tava com 91, quando ela começou a sentir uma falta de ar e, ao ir ao médico, ela descobriu que tava com pneumonia e ficou internada por 15 dias. Quando ela retornou pra casa...

Guilherme: Isso foi em...?

Mara: Ela faleceu com 94 anos em 2010, voltando...

Guilherme: Não, em 2012.

Mara: Em 2012, voltando 3 anos em 2009. De 2008 pra 2009. Foi quando ela... Ela começou a ficar doente. E aí... Ela ficou... Não, foi em 2010 mesmo. Foi logo quando o pai ficou doente. Foi em 2010. Eu saí da creche que eu estava trabalhando.

Sueli: Cê saiu por causa da mãe, que ia fazer...

Mara: Pra que a mãe ia operar, fazer a operação da catarata. E no caso da avó, da Dona Catarina, ela tava, até um dia antes, ela estava lavando roupa, e até agachada no quintal, mexendo com as plantas.

Sueli: Que era o que ela adorava fazer.

Mara: Que era o que ela adorava fazer. Porém, ela ficou doente, começou a sentir falta de ar e ao ser levada ao médico, ela estava com pneumonia, e ela ficou internada. Quando ela retornou, ela já não tava mais andando. Ela estava dando passos com muita dificuldade e acabou ficando em cima da cama. E aí, pela falta também de habilidade da nossa mãe em trabalhar com a terra, com as plantas, e não ser uma coisa que ela gostava, as plantas foram definhando. E até a Dona Catarina, uma das falas dela foi "Nossa! Eu não me lembro a última vez que eu vi minhas plantas". Porque nessa época que ela foi ficando doente, foi quando também nós descobrimos a questão do Alzheimer dela; que o Alzheimer já estava tomando conta também do corpo. Ela já foi entrando num estado de muitas vezes não nos reconhecer, não reconhecer onde estava. Momentos de lucidez, momentos em que ela estava até, podemos dizer, até chegando a ter alucinações, né?...

Sueli: Nossa, e como tinha alucinação!

Mara: ...Que ela falava coisas, que tinha visto pessoas, que tinha visto situações e tudo, já confundia a realidade com as alucinações delas. Então, assim, a falta de habilidade da nossa mãe também com a terra e por não gostar, acabou que as plantas foram...

Guilherme: Acabou!

Sueli: E eu ia falar que quando você (Guilherme) nasceu, já não tinha tantas plantas COMO tinha anteriormente, porque antes de eu casar, já tinha cortado uma boa parte para construir aqueles dois cômodos lá na frente e foi quando o Vô (Breno) se aposentou. Daí o Vô se aposentou, daí com dinheiro do segu... do fundo de garantia, ele construiu a sala e o quarto deles lá da frente.

Mara: Que até então a casa era menor.

Sueli: A casa era pequena mesmo. Era só dois quartos e cozinha.

Guilherme: Morava, no caso, quando vocês... A Tia (Mara) já nasceu, já tava construído?

Sueli: Não! Nós éramos em sete pessoas morando em dois quartos e cozinha.

1h43h30

Guilherme: Dois quartos e cozinha. Porque... — e voltando ao assunto do quintal —, no caso, quando eu nasci, já não tinha mais tanta espécie como tinha antes, MAS AINDA TINHA MUITO... só fazendo essa adição — O entrevistador pode? Pode —. Nos quatro últimos anos, foi quando eu morei lá... nos três últimos anos, de 2018 até a morte dela, em 2021... já não tinha mais tantas as espécies que ainda tinham quando eu era criança. Por exemplo, a trombeta-de-anjo já tinha vazado de lá, o brinco ... o brinco de moça...

Sueli; Princesa.

Mara: Brinco de princesa... já tinha morrido. É, assim, quando eu era... eu ainda era pequena, quando o pé de café... houve uma enchente no bairro. Essa enchente chegou a entrar na nossa casa, isso em 90 e... (expressão de dúvida)

Sueli: Ai, eu não sei... foi... perafí.

Mara: 94? 95?

Sueli: Não. Eu casei em 93. Isso foi em 90.

Mara: 90. Houve uma enchente que entrou água no nosso bairro e o pé de café foi uma das árvores que ficou adoecidas. Ele apodreceu e acabou morrendo, né. Assim também como o brinco de princesa, depois aos poucos ele foi... acabou no... a madeira começou a apodrecer e ele acabou também morrendo o pé... e algumas outras plantas que ocorreu isso, né, e... quando eu era pequena, eu posso dizer assim, a nossa mãe, a nossa avó, o nosso pai se gabavam de falar que os filhos foram criados do portãozinho pra dentro.

Sueli: É.

Mara: E mesmo sendo criada só dentro do quintal, eu tive a oportunidade de brincar pisando na terra, brincar com... fazendo... fazendo comidinha de planta, né? Encontrando tatu-bola e minhoca no meio da terra, mexendo na terra...

Sueli: Vendo abelha... marimbondo, mamangava.

Guilherme: Ah, mamangava. Nossa, meu deus, gente, que medo que era.

Sueli: A mamangava surgia muito quando o maracujá — que a gente também tinha numa parreira, aparecia o maracujá. Então a gente tinha uma parreira linda e nessa parreira, na época do maracujá, eles ficavam tudo penduradinho. Nós tínhamos dois tipos de maracujá ainda, que era o doce e o azedo, que o azedo é esse que a gente encontra na... na... no mercado, na feira. E o doce a gente quase não vê. O doce a gente cortava e comia de colherzinha, que era uma delícia.

Mara: Comia de colherzinha ali dentro. Né, e... posso dizer que a minha infância, mesmo sendo do portão pra dentro, foi uma infância muito rica. Porque hoje você não vê uma criança falar que “Ah, eu pisei na terra!” ou uma mãe falar que deixou a criança pisar na terra, onde o barro entra no meio dos dedos, e a gente teve essa oportunidade de pegar e cavucar na terra e achar aquela parte meio acinzentada que a gente chama de argila.

Sueli: É.

Mara: Que a gente (trecho incompreensível) pra falar assim “Olha, parece massinha!”, porque se você cavucar até um certo ponto na terra, você vai encontrar uma massa assim, um pouco mais dura, né, que é a argila. Eu tive a oportunidade de ver isso.

Sueli: E a gente teve... Não só isso! A criação em si que nós tivemos, né, da gente não comprava pão na padaria. O pão era feito semanalmente. Ela fazia uma fornada de pão, já fazia sete pães. Todo dia de manhã, Dona Catarina acordava, já deixava o pão enrolado no pano de prato, em cima da mesa, que era o pão do dia; aquele que a gente ia comer... pra tomar o café da manhã. Então era pão feito em casa, doce de tudo quanto é tipo, que ela fazia doce de tudo, doce de leite. O leite coalhava, virava doce. Era... a fruta tava... vamos supor, a banana já tá bem madura, virava doce. Então ela fazia doce de toda coisa. Tinha doce de batata doce...

Guilherme: No caso, quem fazia os doces era a Bisa Catarina.

Sueli: É, você tinha um armarinho, você tinha. Vidros...

Mara: “Vamos comer geleia do quê?”, “Ah, eu gosto de geleia de amora.”

Sueli: Tem geleia de... da... geleia de... laranja ralada. É doce de compota, né, de compota de laranja, que ela ralava e aquela parte branca ela fazia o doce também. Ela aproveitava tudo.

Mara: Mas quem tinha essa... esse dom pro cultivo era a Dona Catarina, a nossa avó. A nossa mãe tinha esse lado de conhecer as coisas, de estudar, de tá voltada para o cuidar nosso, da família, para conhecer aquilo que poderia se tornar um benefício para nós, né, e... essa questão de estar sendo sempre anfitriã, fazendo sempre... se ela pudesse que os filhos, ao invés de ir para uma balada, ficassem em casa lá, jogando jogo de tabuleiro, jogo

de cartas e tudo mais, ela preferia que eles estivessem ali. Pelo menos ali ela sabia que estavam sendo... que estavam cuidados!

Sueli: É isso que ela sempre falava.

Mara: E isso também acabou criando um vínculo de confiança com as outras famílias também, porque muitas vezes, era uma época que não se tinha celular, não tinha telefone. Nós tínhamos acho que três pessoas no bairro que tinham telefone, porque eram feitas... eram adquiridas com ações, eram muito caras. Que eram pessoas que a gente... quando tinha que passar o telefone de contato pra alguém, a gente passava esses números e essas pessoas nos passavam o recado. Então, assim, pra uma mãe que morava a três quarteirões da nossa casa, saber que o filho dela tá tarde na rua, mas ele não está na rua. Ele está na casa da Dona Badia, brincando, jogando com os filhos dela. Saber que tem um adulto que tá de olho, isso acabava fazendo com que essa família criasse mais vínculo afetivo com a nossa mãe por causa disso, por saber que eles estavam lá.

Sueli: Só avisando: eles tavam jogando, mas nunca foi jogando dinheiro.

Mara: Não!

Guilherme: Nunca foi jogatina.

Mara: Nunca foi jogatina.

Sueli: Foi brincadeira... jogo de Mau Mau, Banco Imobiliário.

Mara: Eram brincadeiras, até como, por exemplo... Banco Imobiliário era um jogo que eles acabavam virando à noite e, quem perdesse, ia comprar o pão no dia seguinte.

Guilherme: É, porque Banco Imobiliário é um jogo satânico. Ele nunca termina.

Sueli: Nunca termina.

Mara: Não, nunca termina. Aí, no caso, eles falavam assim "Quem é que vai na padaria logo cedo?", né, "Tá! Aquele que perder é que vai na padaria". Então eles viravam a noite jogando; mas o dinheiro em si, a primeira ação de dinheiro nunca existiu.

Guilherme: Sim.

PAUSA NA ENTREVISTA, APÓS 1H50min DE GRAVAÇÃO, PARA TOMARMOS UM LANCHE.

Guilherme: Voltamos pro segundo e último bloco da entrevista (risos).

Sueli: Após os comerciais.

Mara: De Frente com o Guilherme (risos).

Guilherme: E agora, nessa parte, eu queria tratar do assunto religioso, que era um campo muito importante na vida da Vó, e começar falando de um personagem... de uma figura essencial nesse assunto que é a entidade-guia da Vó, a Vó Maria do Rosário. Podem falar um pouco dela e... e... eu quero saber também se vocês sabem como e quando ela surgiu na vida da Vó...

Sueli: Ah, eu sei.

Guilherme: ... E também como foi a introdução da Vó no Espiritismo.

Sueli: Olha... a introdução no Espiritismo acho que foi a vida inteira, porque quando eu estava... ou melhor, quando a minha mãe estava grávida de mim, durante a gestação, no primeiro, segundo mês, começou a dar sinal de aborto, e ela já tinha perdido o primeiro. E as unhas dela começaram a ficar todas roxas, e ela não podia se mexer, tinha que estar só deitada, não podia se mexer, que dava sinal de descer... de perca, de aborto. Então, foi quando falaram para ela que o que ela tinha, tinha sido um trabalho feito e pra ela procurar um centro. Isso, ela morava lá pro lado da Água Fria, né... Não, na Água Fria não! Já era Alto Mandaqui. Já morava no Alto Mandaqui. Então, ela saiu de LÁ — quem morava na Água Fria ainda era a Vó Catarina —. Então, ela saiu de lá e veio aqui pra Picanço, em Guarulhos, foi quando ela conheceu o Centro do Pedro Baiano. Só que, na época, era uma lona, né... perto de um abacateiro, chão batido, e eles faziam trabalho ali. Daí ela passou com a Alagoana, que era uma entidade, e Alagoana falou que ia proteger, que ia dar tudo certo, que ela ia ter a menina; só que ela ia querer a menina pra batizar. Como ela tava no segundo mês de gestação e naquela época nem ultrassom tinha, nem nada, ela falou assim — ainda ela riu e falou — “Bom, se for menina... com certeza eu trago pra você batizar”. Ela (Alagoana) falou assim “Não é se for menina, É!... uma menina.” e quando fez quatro meses — eu tava com quatro meses de nascido —, eu fui batizada debaixo daquela lona, debaixo de um temporal e... nunca mais apareceu lá.

Guilherme: No Centro do Pedrinho?

Sueli: Que era o Centro do Pedrinho, que era uma lona... esticada. Daí passou dali, nunca mais foi. Foi a última vez foi quando fui batizada. Depois nunca mais veio aqui no Picanço, porque era muito longe.

Guilherme: O Centro do Pedrinho era no Picanço?

Sueli: Era.

Guilherme: Fala também um pouquinho depois do Centro do Pedrinho.

Sueli: Depois eu falo. Daí, o que aconteceu? Nesse meio tempo, ela frequentou outros lugares. Teve o centro da Mãezinha, onde eu lembro, eu tenho até hoje, mesmo tendo uns dois anos e pouco, eu tenho flashes de ver pessoas sentadas em esteiras com... um alguardar cheio de frutas e com umas roupas vermelhas. E a gente tem, ainda lá na casa do pai e da mãe, né — tá lá guardados —, roupas do centro, da época que o pai colocava centro... Ele trabalhava no Centro da Mãezinha. Passou um tempo, eles pararam e começaram a seguir o centro de Mesa Branca, que foi do Seu Oswaldo, ali perto da igreja

São José, no Alto do Mandaqui. Por que eles foram pra lá? Porque minha avó materna, né, Dona Sebastiana, começou a frequentar esse centro de mesa branca...

Mara: Não. Vó paterna.

Sueli: Ah, vó paterna... né. Desculpa. Daí começou a frequentar esse centro, então todo mundo foi atrás dela. E lá era um centro de cura. Eles faziam cirurgia espiritual. Tanto é que minha avó, Catarina, foi... operada de um câncer que ela tinha debaixo do braço. Eu fui operada de carne esponjosa no nariz. A minha mãe foi operada várias vezes de... do coração, desentupindo a veia.

Mara: Lá... sua avó nem sabia que estava grávida de mim e ela foi passar numa consulta, foi quando a entidade que o Seu Oswaldo recebia, pegou e disse a ela que ela estava grávida, né. Ela já estava fazendo todo o tratamento, tudo, e ele falava, "Você está grávida". Ela falou que fez testes de gravidez, né, de sangue, e não aparecia; mas ela ia lá e eles falaram "Não, você está grávida!" e, realmente, após os três meses, né? Que ela estava grávida de mim, que foi aparecer positivo no teste, então eles já... eles tinham falado pra ela, e... Eu não cheguei a ir quando era bebezinho, mas eu fui depois de um tempo também, né? Cheguei a operar a garganta.

Sueli: É, ela operou a garganta.

Mara: Fiz cirurgia espiritual da garganta.

Sueli: Eu fiz a cirurgia do... porque o meu útero era um pouco inclinado, por isso que eu não engravidava. Eu fiz o... coloquei o útero no lugar... né. Então quer dizer que todos nós fizemos várias cirurgias ali e... frequentamos um bom tempo; só que o que começou a acontecer? Tinha hora do passe. Era um lugar que todo mundo ia, ficava em meditação um bom tempo, começava os trabalhos, todo mundo em silêncio, depois tinha o passe. Ia saindo fileira por fileira, né, dos bancos, ia lá tomar o passe. Chegava a vez da Vó Badia tomar o passe, receber o passe, encostava a entidade nela;... que deveria ser Preto Velho, porque ela começava, né, queria começar a se debater, e era um Preto Velho que chegava. Então, chegou uma hora que eles falaram "Olha, a senhora não pode continuar vindo aqui, porque as suas entidades não é para mesa branca, e sim para um centro de umbanda." e eles falaram que ela tinha que realmente procurar um lugar pra ela desenvolver, porque tava começando a atrapalhar a vida dela.

Guilherme: Então, só fazendo aqui o mapa da situação. Ela passou no Centro do Pedrinho e daí, logo de... daí, depois, ela frequentou outros centros até ir pra um centro de mesa branca, que foi quando eles falaram pra ela que ela tinha...

Sueli: (Sons de estalos com os dedos) Mas ela frequentou anos esses... anos e anos, desde criança. Mudava de lugar, a gente mudou também, continuou frequentando. Desde criança frequentava, até os 18 anos.

Mara: O Espiritismo tá muito presente na vida da avó porque desde muito nova ela já benzia criança, né... tanto de Bucho Virado...

Sueli: Ah, é! Tem esse detalhe mesmo, né.

Mara: Bucho virado, Cobreiro, Mal-Olhado. Ela já... desde muito nova, ela já tinha esse lado de cura aflorado, esse dom de cura aflorado. Então, conforme ela foi crescendo, isso foi se desenvolvendo, foi aflorando a um ponto que chegou a essa situação. Porque assim, espiritualidade todos temos, mas a gente tem uma abertura para determinada religião, determinado caminho da espiritualidade. Então, no caso, as entidades a qual a espiritualidade da sua avó era aflorada não estavam relacionadas às entidades de um centro de mesa branca, kardecista. Eles estavam relacionados a um centro de umbanda. E, com o passar do tempo, depois até ela... ir em um outro centro; depois que já não existia mais o Centro do Pedrinho, ela indo em outro centro, ela ficou sabendo que, por conta da espiritualidade dela, ela também não frequentaria um candomblé. Porque determinadas ações ritualísticas, não eram compatíveis com a espiritualidade que ela possuía. Então, assim, você... Depois, quando ela deixou de ir na Mesa Branca, ela voltou ao Centro do Pedrinho, que era o centro que ela já conhecia.

Sueli: Sendo que, nesse momento, quando ela voltou, eu já estava com 18 anos... quando ela voltou a frequentar, né? Que ela procurou lá pra ver se dava pra se desenvolver. Isso já era um... Já era um centro, realmente, né...

Mara: Já era um templo, né...

Sueli: É um templo, né... Que era um galpão enorme.

Mara: Já não era só um espaço em que foi improvisado pra atender as pessoas... já era um templo.

Sueli: Era ENORME! Cabia ali, tranquilo, uns cinquenta médios trabalhando. Dava, cabia. Porque em dia de festa ali lotava, né. E tinha muitos bancos pra várias... pra assistência.

Mara: Pra assistência.

Sueli: E lotava toda sexta-feira, porque? Eles trabalhavam mais com baiano. E quem... o primeiro que desceu na Vó foi a Maria do Rosário, que era Baiana.

Guilherme: A Maria do Rosário, então...

Sueli: Era uma Baiana.

Guilherme: Era uma Baiana e ela desceu na Vó, a primeira vez, nessa época que ela tava do Centro do Pedrinho, que é mais ou menos... que o Centro do Pedrinho já tava grande, é mais ou menos que...

Sueli: Em 85.

Guilherme: Foi o primeiro contato da Vó com a...

Sueli: Acho que 84, 85.

Mara: Ela falava que quando eu era pequena, ela me levou em uma benzadeira, E essa benzadeira era uma senhora deficiente visual. E essa benzadeira já falou pra ela que ela era acompanhada por uma entidade. E pegou e falou pra ela que a missão dela era trabalhar num centro onde ela receberia essa entidade. E aí, foi quando eu acho que ela começou a ter esse conflito espiritual de tá indo num centro que ela não se sentia à vontade e que a entidade queria trabalhar; porém, a doutrina... isso! A palavra certa é...

Sueli e Mara: A DOUTRINA...

Mara: ...espiritual do centro que ela frequentava não era...

Sueli: Não era compatível.

Mara: ... compatível. Não era a doutrina da umbanda, que ela precisava. Então foi quando ela retornou pro Centro do Pedrinho. E aí ela começou a ter contato com essa entidade, a incorporar a entidade da Maria do Rosário. O nome da entidade seria Maria do Rosário; mas como se tratava de uma entidade que ela era... já havia morrido com muita idade, já era idosa, né, algumas pessoas carinhosamente falavam, chamavam ela de vó.

Sueli: Vó Maria do Rosário.

Mara: E aí se tornou Vó Maria do Rosário.

Sueli: Mas não era Preta Velha. Ela era uma Baiana. Baiana velha.

Guilherme: No caso, a entidade que... Então, a entidade... Vó Maria do Rosário... Maria do Rosário, no caso. era uma entidade que já acompanhava aquela senhora deficiente...

Sueli e Mara: Não, não!

Mara: Ela acompanhava a Vó Badia, sua avó. Ela acompanhava a nossa mãe. Só que essa senhora, ela era deficiente visual, porém...

Sueli: Ela era sensível.

Mara: Sensível. ESPIRITUALMENTE falando, ela via... essa entidade acompanhando, ela sabia (trecho incompreensível) ela intuía que tinha uma entidade que já acompanhava a Vó. Então, na realidade, se tornou o nome Vó Maria do Rosário por conta disso. Essa entidade, uma vez falando pra nós como que ocorreu. Ela era... ela ajudava muito em parto, durante a vida dela, dessa entidade, ela explicou que ela ajudava em parto, cura de criança, BENZIA criança. COISAS que a sua avó já fazia, porque a entidade, quando ela tem essa aproximação, é justamente essa identificação.

Sueli: É, mas só... dando um parêntese aqui. Em relação ao benzimento, quem benzia quando a Vó... antes da Vó começar a benzer, era a Vó Catarina. Só que a Vó Catarina ensinou, passou pra ela, porque ela não tinha condições de fazer. Então ela falou assim: "Eu não posso ficar com isso pra mim, tem que ser alguém que vai continuar".

Guilherme: Não foi também numa situação de quase morte lá da... da Bisa? (trecho incompreensível)

Sueli: Não sei, porque ela era nova. Só sei que a sua Bisa, ela benzia muito no interior...

Mara: Porque o abençoamento é uma coisa de família. Assim como a nossa bisavó sabia muitas ervas medicinais para tratamento, de chá, de simpatia, tudo, aos poucos o que foi acontecendo? Lembra que a gente falou que a Vó Catarina, ela ouvia as coisas pela... ficava atrás da porta pra aprender tudo. Ela foi aprendendo algumas coisas com a vó dela... com a MÃE dela (corrigindo). E isso, depois de um tempo, ela aprendeu como que fazia. Ela passou — isso é passado de família, tendeu — Ela passou. A mãe (Abadia), que já tinha esse dom, espiritual, aprendeu essa parte dessa doutrina...

Sueli: Mas era criança ainda.

Mara: Mas era criança ainda e foi aprendendo e evoluindo aos poucos. No caso, quando ela começou a desenvolver a espiritualidade dela, essa desenvoltura da espiritualidade tem a ver com o que? Com a afinidade. Então essa entidade também tinha esse dom de, desde pequena, trabalhar com a parte de cura, com a parte de benzeção, com a parte de... de tá fazendo... de ajudar como parteira, tudo. E no momento, né — isso em conversa com essa entidade (Vó Maria do Rosário) —, ela falou que ela estava INDO fazer um parto, só que na época, quando ela era viva, era aquela época que as mulheres usavam saias muito longas, e o caminho que tinha aqui tinha muitas pedras. Ela pisou na beirada da saia, caiu, e veio a falecer no MEIO de uma missão. Então assim, ela se tornou uma entidade de cura, de trabalho para curas, porque ela precisava continuar a missão dela de evolução. E tendo essa recepção espiritual da sua avó, ela começou... quando a nossa mãe começou a se desenvolver espiritualmente, ela já acompanhava a mãe, ela foi a primeira que trabalhou. Tanto é que a linha de trabalho dela, né — o negócio ele falou —, trabalhava-se com as linhas de trabalho. Então, assim, linhas de trabalho o quê? São os guias que vêm, as entidades que vêm trabalhar. Então, temos as entidades, a linha dos Caboclos, a linha dos Pretos Velhos, a linha dos Baianos e...

Sueli: A linha das Crianças.

Mara: das Crianças, né. E a Vó Maria do Rosário era da linha dos Baianos, porém, por ser uma Baiana já um pouco mais idosa, eles chamavam ela de Vó.

Sueli: E mesmo assim, que nem lá no Centro, a gente trabalhava mais... trabalhava mais com Baiano, realmente. Então era muito difícil ver as outras linhas, porque? Trabalhava com cura. Então, hoje, passava... a pessoa passava, fazia tipo uma triagem, via o que era, daí falava com o guia, o guia pedia as coisas para fazer o trabalho. Então, na outra sexta-feira, a pessoa voltava... ou com coisas para fazer remédio, ou para fazer um trabalho, ou para serviço. Então, sempre voltava com alguma coisa. Então, toda sexta-feira era giro de baiano.

Mara: Em algumas ocasiões durante o ano, que são ocasiões de festas específicas, aí sim, tinha a festa dos Pretos Velhos...

Sueli: Que era uma vez por ano só.

Mara: Que era uma vez por ano. Tinha a festa das Crianças, que faz referência a Cosme e Damião; tinha as nossas idas para Santos, que faz referência a festa de Iemanjá...

Sueli: Tinha o Amanci que a gente ia pra Cachoeira.

Mara: (Trecho incompreensível)... pro sítio, inclusive, da dona do Centro do Pedrinho, que ia pra Cachoeira. Então, assim, em algumas ocasiões específicas, MAS.. (trecho incompreensível) toda sexta-feira...

Sueli: (Trecho incompreensível)... era toda sexta-feira, tendeu. Não tinha férias no meio do ano. As férias eram só em janeiro, no final do ano, fechava o terreiro, quando era dia 20, abria com a festa do Pagão — que era dia de Oxóssi e era aniversário do Pagão, que era o chefe da Esquerda, né... que era o Exú da Esquerda — e assim...

Guilherme: Vocês só podem esclarecer um pouco o que é Esquerda? Os conceitos de Esquerda e Direita que são diferentes dos... convencionais, do que tá mais...

Mara: Então, a Esquerda, ela tá relacionada aos Exús e Pombagiras...

Sueli: E Exús-Mirins.

Mara: E Exús-Mirins. É... são... como que eu posso dizer?

Sueli: Guardiões!

Mara: São guardiões que estão mais ligados à parte humana, física e material. Eles são voltados a mais esse lado. Geralmente são entidades com missões voltadas a... a esse lado mais físico nosso; mais a abertura para caminho de trabalho, dinheiro, relacionamento. Mais voltado ao humano.

Sueli: É. Até mesmo relacionamentos amorosos.

Mara: Relacionamentos amorosos e... algumas entidades que acabam tendo uma evolução espiritual um pouco menor, né... ou uma missão espiritual maior, digamos assim (trecho incompreensível). A parte da Direita já são espíritos... não só... posso dizer que um pouco mais evoluídos, com um pouco mais de luz.

Sueli: É, mais de luz, porque falta da luz... da esquerda.

(Trecho incompreensível)

Mara: ... que estão ligados, mesmo, mais a parte espiritual. A parte evolutiva espiritual. Tanto o lado da Esquerda quanto o lado da Direita tem a sua importância. É a pendência da balança. Tanto um lado quanto o outro. O que difere entre eles é o que? É a ligação mais com o mundo material e outro com a ligação mais espiritual e o grau de evolução espiritual que cada lado precisa

Guilherme: A... no caso, a avó também era... Mãe de Santo coroada.

Sueli: Era.

Guilherme: Quando que ela fez a coroação dela? E... Uma pergunta também é... Por que que ela nunca montou um centro? Ela teve já vontade de montar um centro?

Sueli e Mara: Não, não...

Mara: Ela não tinha nem... perspectiva de ser Mãe de Santo. Tanto é que ela nem se denominava dessa forma.

Sueli: Nunca.

Mara: Ela denominava que a Coroação dela foi o quê? Foi um fechamento de coroa. Foi um... um... como que eu posso dizer? Tudo que é feito na espiritualidade, ele tem um fundamento, é um ritual que tem um determinado fundamento. Então, assim, quando você começa a se desenvolver, você tá abrindo a sua coroa, né, que seria o chakra coronário da cabeça, onde que você recebe aquela entidade. E aí, aos poucos, você vai montando essa coroa e fechando espiritualmente. Então, assim, o que ela fez? Ela tinha feito toda essa parte, feito toda... galgado toda essa evolução espiritual pra fechar essa coroa, que é a coroação...

Sueli: E ... participado do ritual durante sete anos consecutivos, o Amanci, que era feito uma vez por ano. E o fechamento desse Amanci... era um dia que era colocado ervas com bebidas, né — maceradas com bebidas na cabeça —, ao qual você não podia... enxugava com uma única toalha, tinha que ser uma toalha branca, e penteava o cabelo com aquele pente branco. Aquele pente, aquela toalha, você só podia utilizar naquela época. Daí você fazia isso na sexta-feira, quando era no domingo, e todo mundo que fez essa lavagem de cabeça com as ervas tinha que ir até ou a cachoeira, que era onde ficava... A cachoeira ficava no sítio ou em qualquer outra cachoeira pra lavar a cabeça.

Mara: E essas ervas e a bebida, elas eram de acordo com os orixás regentes da sua coroa. Então, assim, o chefe do terreiro, ele fazia uma verificação espiritual pra saber quais eram os orixás que regiam a sua coroa; era preparado esse líquido do Amanci, de acordo com as bebidas e ervas referentes a esses orixás, e era esse líquido que era lavado na sua cabeça.

Sueli: E quando chegava na cachoeira...

Mara: A água da cachoeira, que é uma água pura.

Sueli: ... lavava. E no caso, se você fosse filha de Iemanjá, jogava champanhe; se fosse filho de Xangô, jogava cerveja preta na hora... pra acabar de limpar e a água da cachoeira limpava tudo.

Mara: Por que? No caso, importante deixar claro que é assim: cada centro tem sua doutrina; cada centro tem sua forma de homenagear os orixás. Então, o que nós estamos falando

aqui era como que era esse ritual de Coroação no Centro do Pedrinho, onde a nossa mãe fez o desenvolvimento, tá; mas existem sim outras doutrinas em outros centros; existem outras formas de se fazer esse Amanci. Existem Amancis, por exemplo, que você acaba ficando no próprio templo de um dia pro outro. Existem amancis que você utiliza somente ervas na lavagem da cabeça, já não coloca bebida, a bebida é somente pra servir numa mesa pra esse orixá, né. Então isso diverge, varia e diverge; mas nenhuma delas está errada. São apenas doutrinas e fundamentos diferentes que cada centro tem o seu.

Sueli: Tanto é que a Deitada. Dependendo da Deitada, que nem no centro que eu frequento atualmente, a Deitada é feita numa tardezinha durante duas horas, cabou!

Mara: O centro que eu frequentei era Camarinha e você deitava no sábado à tarde e só saía de lá no domingo à noite, depois de todo o processo ritual porque era um processo de purificação e durante uma semana, você não podia consumir fritura, bebida alcoólica e nem carne vermelha pro seu corpo estar purificado para aquilo. Então assim, mesmo que você não estivesse dentro do templo, essa purificação já vinha da sua casa para que naquele final de semana, você entrava à tarde no sábado e só saía no domingo depois da finalização de todo o ritual. E, ainda assim, ficávamos mais 21 dias, uma semana cobrindo a cabeça com turbante e, depois, 21 dias ainda recebendo influência dessa espiritualidade. E é tudo Umbanda.

Sueli: É, e onde frequento é um... só não pode pegar durante três dias, não pode pegar a luz da lua...

Mara: ... a luz da lua e a luz do sol.

Sueli: Não! A luz do sol podia. Só tinha que usar o pano se eu fosse sair à noite.

Mara: No meu caso, eu não podia pegar nem a luz do sol e nem a luz da lua.

Sueli: Tendeu.

Guilherme: Vocês ainda... vocês são, seguem agora qual religião? Vocês ainda seguem muito do que a mãe de vocês... e as introduziu?

Mara: Então, é outra coisa. Nossa mãe nunca NOS INTRODUIU ao Espiritismo. Ela nos deu a base religiosa com o Catolicismo, porque ela achava importante nos levar para a igreja e que nós tivéssemos uma base religiosa. A partir do momento que ela nos apresentou o catolicismo com o casamento dela, o nosso batismo...

Sueli: A primeira comunhão.

Mara: Primeira comunhão. Eles chegaram até a fazer crisma, eu não fiz por opção. Então assim, nós tivemos essa liberdade de escolha religiosa, né, e quando nós tínhamos maioridade — no caso, acima de 18 anos —, aí que nós escolhemos participar ou não da parte espiritual.

Sueli: Porque mesmo a gente frequentando o centro de mesa branca...

Mara: Indo junto com ela, acompanhando.

Sueli: ... aos domingos estávamos na missa, tendeu... que era a nossa base. Só que daí, com o passar do tempo, com as coisas que foram acontecendo, cê vai tomando rédeas e caminho, né. Você vai seguindo seus caminhos...

Mara: Você vai, você vai se encontrando.

Sueli: Encontrando aonde que você se encaixa melhor. Que nem eu não me vejo na Igreja Católica. Hoje em dia, eu continuo frequentando a Umbanda, né. Muitas vezes eu lembro de coisas que eu aprendi muito com a minha mãe, aprendi muito com a Maria do Rosário, com a Vó... e frequentava o mesmo centro que ela, porque depois que minha mãe entrou no Centro do Pedrinho, logo atrás fui eu. Porque o dia que eu entrei a primeira vez para participar de um trabalho lá, para assistir uma sessão, de repente, parecia que eu tava entrando em casa. Quando eu fui ver, eu já tava pondo roupa branca junto com a minha mãe também.

Mara: No meu caso, eu acompanhava...

Sueli: desde pequena, né (risos).

Mara: Desde pequena, ouvia muito os senhores falarem assim “Ah, você nasceu aqui dentro do Centro”, porque desde pequenininha que eu ia junto. Porém, eu não cheguei a trabalhar no centro do Pedrinho...

Sueli: Não deu tempo.

Mara: ... até porque, como eu era menor, ele também falava que eu ainda não estava pronta para estar trabalhando. Aí, no caso, a dona do terreiro faleceu, o centro fechou...

Sueli: Infelizmente.

Mara: Infelizmente. Eu vim começar a frequentar o centro, eu já tava com mais de 25 anos... quando eu vim voltar a frequentar centro. E fiquei durante... quase cinco anos frequentando centro espírita. Depois, eu meio comecei a perceber que eu já não me identificava com a religião. Nunca! Nunca falta de respeito, muito pelo contrário. Aprendi muito; conheço muito né... conheço muito não. Conheço pouco! Mas dentro do pouco, aprendi muito — deixar bem claro isso — e acabei me afastando um pouco. Tive sempre como base o catolicismo, até por conta de que nossa mãe ela sempre deixou muito claro em primeiro lugar — acho que até antes do espiritismo — foi a devoção dela a Nossa Senhora da Aparecida, onde todas as oportunidades que ela teve de ir até a Aparecida do Norte, pra ir lá homenagear, que ela falava que era a mãe dela de cabeça, que sempre salvou ela espiritualmente; a qual todas as vezes que nós entramos em conflito, medo, tudo, ela fazia as orações dela voltada, era pra Nossa Senhora...

Sueli: Fora as promessas nas horas de precisão, na hora de saúde; que ela sempre prometia as coisas e era ouvida.

Mara: Então, ela recebeu muitas graças. E eu não sou mais espírita, já tem... dois anos, onde eu passei a frequentar a igreja evangélica. Não sou batizada, mas aceitei Jesus... mas como a gente está falando aqui: você adquire um conhecimento; você aprende coisas; você sabe como funciona e existe mais coisas entre o céu e a terra do que nossa vã filosofia. Então não dá pra dizer hoje “Ah, isso tudo não existe!”. Não, muito pelo contrário.

2h22

Sueli: ... você muda de conceito que você despreza o resto.

Mara: Só que agora eu me encontrei dentro da filosofia cristã... dentro da religião cristã, que é o evangélico. Mas, no caso, a nossa mãe sempre deixou a gente muito aberto pra isso. Ela nunca menosprezou nenhuma religião, nunca nos forçou nenhuma religião. O que ela quis com a religião católica era o quê? Era a base da religião que ela havia recebido também. Então ela quis nos dar uma base, nos apresentar a Deus. Eu acho que a questão toda é essa. Ela quis nos apresentar a Deus e nos apresentar que existe religião. Por isso ela nos levou... (trecho incompreensível)...

Sueli: Mas nunca proibiu da gente acompanhar colegas, às vezes, para ir numa igreja evangélica. Fui várias vezes com amigas...

Mara: Inclusive ela chegou a ir em casamento evangélico.

Sueli: A gente ia em casamento evangélico. Às vezes tinha culto na casa vizinha, a vizinha chamava. A gente ia...

Mara: Como ela também chegou a ir em casamento em outros centros, centros de candomblé. Isso então assim: ela sempre respeitou todas as religiões.

Guilherme: Uma coisa que eu ia perguntar também é... vocês falaram a respeito da avó de vocês, a Sebastiana, que ela chegou a frequentar o espiritismo também. Daí eu ia perguntar como que se dava essas... todo esse sincretismo religioso dentro de casa, principalmente no... logo no início, quando a Vó (Abadia) conheceu... se casou com o Vô (Breno) e tinha a família do vô que... por ser imigrada da Europa, era sei lá, um catolicismo. A questão é: isso era uma questão ou todo esse sincretismo religioso foi bem aceito?

Sueli: Foi bem aceito, sempre foi natural.

Mara: Eu acredito que foi natural porque tudo se deu muito à questão de saúde. Não foi uma procura por questões financeiras, questões de fama, ou até mesmo questões de maldade. É porque assim: as pessoas, quando você fala do espiritismo, as pessoas já remetem à questão de macumba e fazer o mal para o outro. O macumba, feitiço e dessas formas. Não! Tudo foi voltado à questão de saúde. Alguém na família não estava bem, alguém chegou e falou de um lugar que tratava, e a família foi. E aí as matriarcas, no caso, de ambos os lados, né, tanto a nossa Vó Sebastião, quanto a Vó Catarina, foram pra conhecer e acabou a família indo junto, acompanhando.

Sueli: Acompanhando. Aconteceu, que nem o da Vó Sebastiana, foi por causa que ela tinha uma ferida na perna. E essa ferida vira e mexe, às vezes ficava... começava... ter pus, tudo, né. Ficava purulenta e não sarava. E foi quando ela foi procurar o centro, porque falaram que tinha esse centro, tudo foi por causa disso. Então, logo de em seguida, ela avisou que tava indo e que era um lugar bom, que fazia curas, fazia cirurgias espirituais. Então, todo mundo acabou migrando pra lá também.

Mara: É aquela coisa: “Eu vou lá porque vai ser bom pra minha perna. Tô sozinha, você me acompanha?”, “Ah, tá bom!”. Daí na outra, “Ah, eu vou também levar minha mãe”. E aí, acaba indo.

Sueli: No fim, frequentamos lá, mais ou menos, quase 15 anos.

Guilherme: O Centro do Pedrinho?

Sueli: Não! O Centro do...

Guilherme: Cardecista.

Sueli: de mesa branca. Porque daí eu já estava com 18 quando voltou para o Centro do Pedrinho, tendeu?

Mara: E assim como as próprias igrejas mesmo, como eu falei: cada igreja tem sua doutrina. Tem igrejas evangélicas que você não pode cortar o cabelo; tem igrejas evangélicas que você não pode usar joias; tem igreja evangélica que você não pode se pintar. Tem igreja que já aceita; tem igreja que você não pode usar calça; tem igreja que você pode usar a calça. Então a mesma coisa é o centro espírita. Tem aquele centro que ele oferece uma determinada doutrina um pouco mais liberal; tem aquele centro que é um pouco mais restrito, que é o caso da mesa branca, o caso da Umbanda e a doutrina é o caminho que ele segue. Então, no caso, como dependendo da entidade ou da evolução espiritual que a pessoa tem, não é compatível com o centro que ela está frequentando, aquilo acaba a pessoa se sentindo meio que deslocada. “Ah, eu venho aqui, tudo bem. Sou bem recebido e tal”; mas alguma coisa está faltando espiritualmente. E tem aquele lugar que você chega e você fala, como sua mãe (se referindo à Sueli) falou. “Eu cheguei no centro do Pedrinho e me senti em casa”, tendeu? Eu ia pra lá também, como eu ia desde pequena, eu também me senti em casa e quando fechou, a gente sentiu como se parte da gente tivesse sumido...

Sueli: Sumido, aconteceu alguma coisa, porque foi muito triste.

Mara: Foi uma ruptura muito grande. E... não é porque o centro deixa de existir que a espiritualidade também deixa. Muito pelo contrário. A... nossa mãe, ela continuou com o trabalho dela espiritual em casa, fazendo pequenos atendimentos. Dependendo dos casos, ela falava para o pessoal: “Olha, é uma situação que você vai ter que procurar realmente um templo ou um centro pra tá tratando”. ou se fosse alguma coisa que ela conseguisse trabalhar, ela resolvia ali. Até que, por questões de saúde, ela começou a deixar de fazer esses atendimentos por quê? Porque ela tinha também receio que, por questões espirituais, como tanto a nossa avó quanto o nosso pai também começaram a ficar debilitados em

questão de saúde, né; a parte espiritual também ficasse debilitada e acabasse que reações espirituais acabassem... eles tendo por conta de pessoas que necessitavam de um atendimento mais forte, um atendimento mais específico.

Sueli: Porque a pessoa, às vezes, chega acompanhada de entidades que estão precisando de luz, então sabe que vai em algum lugar... então ele encosta na pessoa. De repente, vai e chega lá, ela ia, tentava tirar, limpar a pessoa e tudo; e se, de repente, o que ela tivesse tirado da pessoa acabasse se encostando ou no Pai, ou na Vó?

Mara: Exato. Porque o que acontece? Essa reação espiritual é justamente o quê? Tanto, não sei te dizer exatamente se todas as religiões usam o termo “espírito obsessor”; mas o espírito obsessor é o quê? É aquele espírito que está em sofrimento; que não tem luz; às vezes ele não sabe que ele morreu OU ele sabe que ele morreu, mas o espírito existe uma revolta nele que ele quer manifestar. E aí acaba ele encostando, ele se apoiando — que alguns termos mais churos chamam de “encosto” — nas pessoas. E se a pessoa já tem uma saúde física um pouco mais debilitada, espiritualmente ela fica sucessível a que esse espírito se agarre a ela. E aí o medo da avó era justamente o quê? Da nossa mãe era justamente o quê? “Eu tenho duas pessoas doentes fisicamente em casa. duas pessoas doentes que já são mais idosas. E se esse espírito vê como uma oportunidade se aproximar das pessoas que estão doentes já que eu estou tentando limpar, ajudar essa pessoa que já tem uma condição de saúde um pouco melhor?”. E aí, por isso, ela acabou deixando de fazer esse atendimento. Porém, ela sempre estava pronta para atender algumas pessoas que acabaram criando vínculos afetivos com ela, por questões de terem sido atendidas, de terem conseguido a graça... de estar benzendo uma vela. É, tá...

Guilherme: Até mesmo uma criança que passava.

Mara: Uma criança, né? A pessoa às vezes falava assim: “Ah, eu ganhei um presente, mas depois que eu ganhei esse presente, eu estou me sentindo mal”. Porque existem, sim, macumbas, feitiçarias, trabalhos, ou o termo que você quiser utilizar — dependendo da religião —, que são feitos em objetos, são materializados em objetos, pra tá prejudicando as pessoas, né. Existem. Infelizmente, existe o lado... que seria o lado mau. Tem pessoas que utilizam a espiritualidade de um lado mau. E aí, no caso, a pessoa que já tinha conhecimento dela, da espiritualidade dela, procurava ela para fazer. Então, ela sempre procurou auxiliar dessa forma, mas ela começou a deixar de atender as pessoas; mas não deixou que a missão dela espiritual — que ela sentiu como missão dada a ela — ficasse sem dar continuidade porque o centro fechou. Ela só não se identificou mais com nenhum templo, digamos assim; mas ela não abriu mão da espiritualidade dela, ela não renegou a espiritualidade dela, só foi executando... trabalhando com a espiritualidade dela dentro das condições que ela tinha.

Guilherme: Vocês acabaram introduzindo também a questão da... época que tanto o Vô Breno quanto a Bisa Catarina ficaram doentes — que foi quase na mesma época... 2010 — ... Foi na mesma época! 2010...

Mara: Foi.

Guilherme: E eu queria já perguntar também... como que foi essa temporada de... os dois no hospital. Duas pessoas doentes em casa...

Mara: Foi caótica.

Guilherme: E também é saber como que a Vó... se vocês percebiam a Vó passando por tudo isso, porque até então o chefe da casa era o Vô, e meio que dividindo também a chefia com a Bisa que cuidava das coisas. Como que foi, do nada, de repente, ter que lidar com, começar a ser, a assumir os postos?

Sueli: Porque ela acabou subindo o posto de chefe, porque tanto a mãe quanto o marido estavam doentes, acamados.

Guilherme: Que no caso a tia Mara, que também estava morando lá.

Mara: Foi uma situação bem caótica, porque a nossa mãe ia fazer uma cirurgia de catarata e na época...

Guilherme: Isso em 2010.

Mara: Isso, em 2010. E na época, até então, ela tava muito preocupada de como ela ia fazer a cirurgia e continuar cuidando da casa, né. Até então, a nossa Vó (Catarina) ainda não estava acamada. E aí, aconteceu... eu peguei sair do serviço pra ficar com ela, porque ela ia fazer a cirurgia. Os primeiros quinze dias da cirurgia eram os quinze dias mais críticos, né. Então ela não poderia, por exemplo, estar abaixando a cabeça, levantando a cabeça, pegando fri...

Sueli: É, mexendo na geladeira...

Mara: Então ela precisava de alguém que auxiliasse ela. E eu estava em casa com ela. Quando terminou esses quinze dias, foi quando o Vô teve a primeira convulsão, né. E nesse período ele teve a primeira convulsão, ao convulsionar ele caiu, bateu o nariz; mas ele foi para o hospital e voltou no mesmo dia. Aí, nesse caso, ele ficou de atestado por quinze dias, né. Por quinze dias para poder se recuperar, porque conforme ele caiu convulsionando, ele tinha quebrado o nariz; ele tava com o rosto um pouco arroxado. Dentro desses quinze dias que o Vô estava se recuperando foi quando a Bisa... quando minha avó, Catarina, teve a falta de ar e foi para o hospital e descobriu que estava com pneumonia. Então ela ficou internada quinze dias... e a nossa mãe já começou nesse processo de estar indo para o hospital visitar, ficar com a mãe, enquanto o marido estava em casa se recuperando que tinha quebrado o nariz. Quando ele retornou ao trabalho, ele retornou ao trabalho, trabalhou dois dias... pegou pneumonia. Nesse caso, a mãe dela já havia retornado pra casa e já estava acamada. Nesse caso, na época, eu lembro que a Catarina ainda auxiliava a gente a colocar ela na cadeira de rodas, auxiliava a colocá-la na cadeira de banho; mas ela já não tava mais, não tinha firmeza pra andar, porque foram quinze dias que ela passou deitada, e é uma pessoa idosa, deitada, né. Começa meio que a atrofiar, perder massa muscular, atrofiar as pernas, ela não tinha força mais pra ficar de pé. Aí foi quando o Vô (Breno) ficou — o seu avô (se referindo a Guilherme), no caso o nosso pai — teve a segunda convulsão, e nessa segunda convulsão foi quando ele internou. No

período que ele ficou internado, a Vó Catarina teve várias idas e vindas do hospital, da internação; então foi um período bem difícil porque só eu, dos filhos, que não estava trabalhando. No caso, só o Chico que conseguia ir direto para o hospital do Servidor (Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo)...

Sueli: Todo dia ele ia, de segunda a sexta.

Mara: De segunda a sexta visitar o nosso pai.

Guilherme: O Chico, no caso...

Mara: O seu pai, o Francisco...

Sueli: O seu pai.

Guilherme: O meu pai, esposo...

Mara: O esposo da Sueli.

Sueli: Meu esposo...

Guilherme: Falecido em 2011.

Mara: E nós íamos assim: de manhã, a gente ia para o hospital do — pode citar o Servidor?

Guilherme: Pode! É público.

Mara: Hospital do Servidor para visitar meu pai, nosso pai, e de lá nós íamos para o Hospital Vermelhinho, para visitar a Vó Catarina.

Guilherme: No caso, só pra fazer as distâncias: o Servidor ele fica no Ibirapuera...

Sueli: Na zona sul.

Guilherme: Na zona sul de São Paulo. E o Vermelhinho?

Sueli: Ele fica, ali é zona leste, já?

Mara: Não, ali é a zona norte...

Sueli: É a zona norte.

Mara: Só que ali, acho que é o Guansã. A gente pegava o Guansã pra ir, né?

Guilherme: No Mandaqui, né?

Sueli e Mara: Não!

Mara: Não. O Vermelhinho?

Sueli: É que todo mundo fala Vermelhinho.

Mara: É...

Sueli: Que era um lugar bem contramão.

Mara: (trecho incompreensível)

Guilherme: Nossa, eu jurava que... Eu tava confundindo com... Eu tava confundindo com o Bom Clima aqui em Guarulhos.

Sueli: Não! Era um lugar bem longe. Bem contramão.

Mara: É... Ele fica ali no Parque Novo Mundo.

Sueli: Parque Novo Mundo. É Zona Norte então.

Mara: Então ainda é Zona Norte, então assim...

Sueli: Mas bem contramão um do outro.

Mara: Bem contramão um do outro, praticamente cortando a cidade toda. E foi um período que a gente utilizava três cômodos: A sala, que era a entrada da casa; o quarto dela (da Abadia) pra gente dormir, porque na época só morávamos nós quatro, mas como a Vó — minha avó Catarina — estava internada no hospital e o meu pai em outro. Nós só estávamos só nós duas e o banheiro. Eu lembro que a gente chegava muito tarde já para comer um lanche só e no dia seguinte tinha que estar cedo indo para os hospitais. Até porque a Vó Catarina era idosa, então eles cobravam a nossa presença...

Sueli: Pra não dar abandono de incapaz.

Mara: Só que a sua avó também estava se recuperando ainda. Ela tinha feito a cirurgia da catarata, ela era diabética...

Sueli: Diabética também, tinha as horas certas pra tomar insulina.

Mara: Precisava se alimentar, precisava descansar e não podia ficar sozinha. Então foi assim, foi um período bem caótico, bem difícil. A gente tinha uma correria muito grande e ela tento — ela tentou não — ela manteve assim, né, a calma, a estrutura, vindo... quando... tanto o Pai e a Vó voltaram pra casa, que eles já estavam em casa, em recuperação, né. Ambos com situações bem, bem dependentes assim de.. de locomoção; porque pra tomar banho precisava alguém dar banho...

Sueli: Comida. Tinha que dar comida na boca.

Mara: Foi um período bem difícil de recuperação. Nós vimos o nosso pai evoluir nesse período...

Sueli: Foi rápido, até foi rápido. Toda dia era uma novidade.

Mara: Era uma novidade, mas nós vimos também a nossa avó regredir bastante. Até porque, a partir do momento que ela começou a ficar em cima da cama, ela começou o Alzheimer tomar conta cada vez mais. E aí a gente viu ela bem, digamos assim, a doença se fortalecer. Então nós tínhamos dois pêndulos...

Sueli: Um estava evoluindo e o outro estava regredindo.

Mara: Ainda assim, na época, o nosso pai tinha o quê? uma sequela do problema que ele teve. Ele teve encefalite, que afetou o neurônio da memória temporal. Então, ele esquecia as coisas; mas ainda era uma sequela. Ele esquecia, às vezes ele ficava um pouco confuso; mas quando ele começou a se recuperar, ele começou a fazer as coisas habituais, só que ele precisava sempre ter alguém junto com ele pra, por exemplo, ele não esquecer torneira aberta, gás ligado. Então, ele precisava ter alguém sempre junto com ele. E, no caso... a nossa avó, Catarina, ela já não. No caso, ela já foi começando a perder o movimento das pernas, o fortalecimento dos músculos...

Sueli: atrofiamento.

Mara: foi vindo o atrofiamento, até o ponto em que começou a ficar difícil a alimentação, onde ela começou a passar a comer papinha, e nesse ponto a nossa mãe passou a cuidar deles ali. Eu permaneci com eles sem trabalhar... sem trabalhar ali, auxiliando ela em tempo integral, mais ou menos, no período de um ano. Tendo a Sueli com acesso, principalmente, aos finais de semana, porque a Sueli estava trabalhando... e os nossos irmãos também, então era mais final de semana, então no dia de semana eu que tava ali presenciando tudo; mas chegou um momento que eu precisava também voltar a trabalhar, até porque as contas não param, né? E nesse período, a gente tava recebendo só a aposentadoria do Vô, que foi o que manteve, porque ele acabou depois passou, chegou o período da caixa, né, e aí como ele já era aposentado, era só a aposentadoria dele que tava mantendo as contas.

Sueli: É, que antes era um salário mais aposentadoria. Depois que ele ficou doente, só passou a ser aposentadoria. E fora que, com o passar do tempo, o Alzheimer começou a se acentuar.

Mara: Exato.

Sueli: O esquecimento começou a ficar cada vez maior.

Guilherme: O Alzheimer, nesse caso...

Sueli: Do Vô.

Mara: Do Vô. E aí, com a nossa mãe também, né, foi chegando a idade...

Sueli: Ela já tinha dificuldades pra andar.

Mara: Ela tinha dificuldades pra andar porque ela teve artrose muito cedo. Ela chegou a operar o joelho. Essa cirurgia foi bem sucedida, mas conforme vai passando a idade, ela foi sentindo maiores dores.

Sueli: Ela precisava renovar a cirurgia, mas ela tinha medo pelo fato de ter diabetes. De repente colocar uma prótese e aí rejeitar.

Mara: Os médicos também tinham medo disso; por causa da idade dela...

Sueli: Por causa da idade e do diabetes.

Mara: E aí o diabetes é o que foi prejudicando realmente a saúde dela... que foi... querendo ou não, mexe muito com o emocional. E aí, ela mesmo, ela passando sempre... O que a gente até fala que foi bem estranho, porque assim: no ano em que ela faleceu, logo no começo do ano, ela tinha feito todos os exames necessários e tudo tava bem.

Sueli: Tava!

Mara: A diabetes estava controlada, não tinha colesterol, não tinha nada! Ela tava bem. Fez exame — inclusive de urina, que identificou que estava todos os hormônios ok! —, mas...

Guilherme: Oi, não, desculpa. Isso casa com uma pergunta até que eu ia fazer logo no começo, mas que agora é bem propícia. A morte da avó ocorreu durante a pandemia de coronavírus. Naquele momento, tínhamos registrado, no mês de julho de 2021, 33.600 mortes por Covid e foi um número bem superior ao registrado em julho de 2020 — no primeiro ano da pandemia —. Além de todo o registro mensal, a soma das mortes decorrentes da Covid-19 em julho de 2021 era mais de 547 mil. O irônico dessa situação toda é que, no meio dessa enxurrada de mortes por Covid, A Vó foi morrer logo de insuficiência renal decorrente de uma infecção urinária, e a minha pergunta é, durante aquela situação, vocês imaginavam que a situação da pandemia, vocês imaginavam que a mãe de vocês fosse morrer? E se imaginavam, pensavam que seria sobre uma doença tão fora do usual naquele momento?

Mara: Assim, a preocupação sempre foi grande com a questão dos rins por conta da diabetes, porque a gente sabe que a diabetes prejudica, mas...

Sueli: E também por causa dos remédios que a mãe tomava, porque tinha que tomar muito antifartório por conta das dores.

Mara: Mas assim, nós tomamos todas as precauções para que ela não tivesse Covid.

Sueli: Nem ela e nem o pai.

Mara: Nem ela e nem o pai. Então assim, nós evitávamos o contato. Nas idas na casa dela, a gente pedia que ela ficasse em um outro cômodo para que nós pudéssemos higienizar o que tivéssemos levado, os alimentos, deixá-la para ela. Depois que nós saímos da casa que ela é que ela voltava a circular para quem não tivesse contato com a gente e a gente tomou todas as precauções necessárias para evitar que o vírus chegasse até ela. Tudo que era

orientado, nós tentávamos fazer. Então em nenhum momento da nossa cabeça passou que ela ia ter Covid, o que ela viria a morrer naquela situação?

Sueli: É. E quando ela foi levada ao hospital, realmente, ela tava com uma infecção urinária, que estava até dando febre, já estava deixando ela meio desorientada. Ao qual ela não queria ter ido, foi preciso até insistir. Ela ligou pra Mara e a Mara falou “Mãe, se você. á com febre tem que ir” (Trecho incompreensível)...

Mara: Porque era uma coincidência. É assim: ela tinha tido febre, foi ao médico, viu que tava com uma pequena infecção de urina e o médico passou a medicação. Ela tava tomando a medicação, só que ela voltou a ter febre. Então, ela ter voltado a ter febre, ela precisava ter ido pro hospital. Ela precisava saber o que que era e ela não tinha sintoma gripal nenhum. Ela só estava com a febre.

Sueli: E, mesmo assim, foi por um (estalo de dedos) lapso que eu falei assim “Bom, se a diabetes tá controlada, se não tá com gripe...”

Mara: “De onde tá vindo a febre?”

Sueli: Primeiro, daí eu falei assim “Ué, mas por que ela tá tão desorientada?”. Foi quando eu resolvi medir a temperatura, né; aferir a temperatura dela. Quando eu fui ver, tava com febre. Tomou antitérmico, abaixou, foi o tempo que eu fui em casa pra — tinha acabado de chegar do serviço —, foi o tempo que eu fui em casa pra deixar as coisas e ajeitar as coisas, PEGAR OUTRAS COISAS pra poder ir pro hospital. Quando eu voltei, ela já tava com a temperatura normalizada e não queria ir. Daí foi quando ela ligou pra Mara...

Mara: Que aí eu peguei e falei pra ela “Mãe, tem que ir. A senhora tem que ir no médico, porque...”

Sueli: “Ah, a Sueli quer me levar pro hospital”, não foi?

Mara: É, mas assim — ela tava até brava comigo também no telefone — eu falei assim “Mãe, não tem como, porque tem coisa que ultrapassa aquilo que a gente consegue tratar em casa, né? Febre, alguma coisa, não tá certo aí dentro”.

Sueli: E colocou vários empecilhos. “Mas porquê tá tarde, tá frio, demora...”

Mara: “Tá frio, tá tarde, o que que eu vou fazer lá? Vou chegar lá, fazer exame de urina, demora quatro horas.”; mas ela chegou a ir. Quando chegou lá, que fez o exame de urina, que constatou que ela tava com uma infecção muito alta, né...

Sueli: Que até assustou, porque ela colheu a urina que parecia água com farinha de trigo de tão... BRANCA! Tava branca, não estava amarela.

Mara: E aí ela acabou ficando internada. Nesse período que ela estava internada, nós estávamos sempre se revezando para ficar lá com ela. Até que ela, dentro do hospital, o médico achou que ela precisava ficar UM FINAL DE SEMANA...

Sueli: UM FINAL DE SEMANA.

Mara: Na UTI porque a pressão dela estava oscilando e...

Sueli: O potássio tava alto.

Mara: O potássio tava alto, a uréia também, e ela não tava respondendo bem ao antibiótico que ela tava tomando. E como no final de semana era plantonista, ele preferiu que ela passasse o final de semana na UTI, justamente pra poder ter um acompanhamento bem específico, bem... uma observação maior, digamos assim. E aí no caso, ela na UTI desse final de semana se estendeu para semana. Nesse período, ela testou Covid positivo. Ficamos sem poder vê-la. Ela foi para uma UTI específica de quem estava com Covid. Ela...

Sueli: Não viu mais ninguém. Começou a se abater.

Mara: Não viu mais ninguém. As duas vezes que a gente conseguiu vê-la, nós já estávamos vacinadas da Covid. Ela já estava melhor, ela já não estava mais com Covid, tá? Tanto é...

Sueli: Porque ela tinha tomado a primeira dose.

Mara: Ela tinha tomado a primeira dose e ela já tinha se curado da Covid, mas ela ainda estava internada na UTI. Quando nós conseguimos ver ela — tanto eu quanto a Sueli fomos as últimas a ver ela —. Podemos dizer que ainda estava consciente, porque ela ainda chegou a falar; mas já estava numa consciência assim. mais debilitada, porque ela quase não ficava acordada...

Sueli: É, porque o que aconteceu? Já parou, ela começou a não querer comer mais, daí teve que usar sonda alimentar, tinha que ficar presa.

Mara: E o difícil pra ela também foi que o dia que ela foi pra UTI, foi o dia que ela achava que ia ter alta. Então assim, pra ela foi muito difícil aquilo, emocionalmente...

Sueli: Eu acho que ela achou que a gente tinha abandonado ela, que nem podia visitar!

Mara: Eu acho que ali o emocional dela começou a fazer com que ela desistisse e foi quando ela foi ficando cada vez mais debilitada. E quando ela veio a falecer, o médico foi muito claro conosco: “Ela não faleceu de Covid!”.

Sueli: Isso ele frisou umas três vezes.

Mara: Ele frisou muito. Ele falou assim, deixou bem claro que ela não havia falecido de Covid, que ela já estava curada da Covid. O que ocorreu, realmente, foi que ela teve essa insuficiência renal e aí os órgãos veio a parar.

Sueli: Chegou a fazer hemodiálise quando estava na UTI e não estava respondendo. Daí começou a ter falência dos órgãos. O rim foi parando, primeiro foi o rim, depois... E outra, uma coisa que mexeu muito com ela mesmo, que deixou ela muito abatida no hospital, foi saber que ela estava com enfisema pulmonar, que ela não ia mais poder fumar.

Guilherme: É, fala um pouco dessa relação com o cigarro.

Mara: A relação com o cigarro dela começou aos 14 anos, lá na... quando ela trabalhava lá nas casas de artista. Que ela achava bonito, ela achava chique e ela começou fumando esses cigarros que eram mais chiquetosos, mas ela nunca trago. Então todas as vezes que ela fez um exame, que ela tirou o raio-x do pulmão, ela não tinha nada no pulmão.

Sueli: Não tinha, nunca dava nada.

Mara: Nunca dava nada, porque ela falava assim: “Eu não trago!”. Então, ela gostava daquela postura chique de segurar o cigarro nos dedos, a forma com que as artistas seguravam. Era aquilo...

Guilherme: Puta merda, eu também gosto (risos).

Mara: (Risos) Era aquilo que ela gostava, entendeu? Era aquela postura. Só que ela começou a fumar um pouco mais justamente por conta das coisas que estavam ocorrendo em casa. Muita coisa ao mesmo tempo e ela falava que o momento de relaxamento dela, o que relaxava ela, era a hora que ela fumava. Era... digamos assim, o prazer que ela tinha. Um prazer bem particular dela, e mesmo não tragando, porque eu acho que ela acabou morrendo sem nunca saber fumar direito, digamos assim — fumar já é errado, mas sem saber tragar o cigarro nem nada —, era um momento que ela falava que aquilo era a válvula de escape dela. E saber que ela ia voltar para casa, ou imaginar voltar para casa, pra toda a situação que ela vivia, sem o único prazer que ela realmente tinha, que era dela, que era fumar, que ela não poderia fazer, aquilo deixou ela muito, muito triste. Mas eu acredito também que nunca foi vontade dela não voltar pra casa. Muito pelo contrário, ela falava muito que ela ia voltar, que ela ia... “Ah, eu vou pra casa porque eu tenho que fazer o almoço”. Ela falava assim: “Eu tenho que fazer o almoço de aniversário do meu filho!”, né, que ia ser o aniversário do nosso irmão...

Sueli: Que ela queria fazer churrasco.

Mara: Que ela queria fazer churrasco, que ela ia estar lá, porque ela ia fazer; que ele gostava de macarronada e ela sabia que ele ia comer o macarrão dela. E, justamente naquele dia, foi o dia que o médico pegou e viu as condições dela. Os médicos, assim, acho que também não queriam tirar as nossas esperanças, né, então ele pediu só pra que ela fosse pra UTI pra ter essa maior observação. E aí a entrada dela na UTI já deu aquele baque emocional.

Sueli: Porque já não podia ficar com ninguém o tempo todo.

Mara: Fora as outras pessoas que estão na UTI, que você vê que estão em casos bem mais críticos, né, e ali foi quando...

Sueli: Aí começou. Já abalou ela emocionalmente, porque daí a gente só via ela durante meia hora, que era a visita do dia. Era meia-horinha.

Mara: Isso quando não tinha nenhuma intercorrência que acabava...

Sueli: Só uns 15 minutinhos, 5 ou 10, dependendo da situação. De repente, quando ela contraiu o Covid, foi para uma UTI que daí ninguém podia mais entrar! Então o emocional dela foi lá embaixo, porque eu acho que na cabecinha dela passou que a gente tivesse abandonado. Ela não tava entendendo o que tava acontecendo que a gente não ia mais.

Guilherme: Uma coisa que foi dita que nunca foi a intenção dela não voltar pra casa, mesmo com... Mesmo sabendo que talvez quando ela voltasse... Talvez não! Mesmo sabendo que quando ela voltasse, ela não poderia mais fumar. Eu vou fazer aqui uma adição, porque eu lembro que da última vez que eu fui, que eu vi a Vó; que eu fui lá no hospital, a gente... — nessa época eu fumava. Fumava desde 2019, coisa tal, e justamente um pouco por causa... não somente por problemas pessoais, mas também... porque essa pose do cigarro e tudo mais. Tanto é que eu lembro muito da... são muitas as memórias minhas que... com a avó, assistindo Balanço Geral, ou Roda a Roda Jequití, que passava de madrugada. Ai, meu Deus, tô falando nos nomes. Depois corta.

Mara: Tá, assistindo os programas de televisão que ela gostava, momentos entre você e vó.

Guilherme: É, que daí a gente ficava lá, fumando e falando, fumando e falando. E sempre numa pose muito chique, né, e...

RISOS DE TODOS

Guilherme: E a gente tinha feito essa promessa de parar de fumar. “A gente vai parar de fumar. Você vai sair e a gente vai parar de fumar”. Tendeu... No caso, ela parou... (trecho incompreensível)... ela cumpriu essa promessa e tempos depois, um ano e meio depois, foi quando eu entrei na USP, que daí eu parei também de fumar. Mas... ô, até já me esqueci o que a gente tava falando. É... só pra...

Sueli: Que quando ela entrou, tava no hospital... tava triste quando soube que não podia.

Guilherme: Sim. E caminhando pro encerramento, cês podem falar como que foi a noite que cês souberam do falecimento dela?

Sueli: Primeiramente, foi o dia, né...

Guilherme: O dia.

Sueli: Que a gente ia fazer o revezamento na família. Cada dia era um que ia na visita da UTI e... ou se... como não podia entrar, mas tinha que ir lá pra pegar boleto médico...

Mara: Só podia pegar lá, na recepção.

Sueli: E todo dia alguém ia. E nesse dia quem foi, foi a ex-mulher do Ronaldo, nosso irmão, que foi...

Mara: Nossa ex-cunhada.

Sueli: Chegou lá e ligou logo pra casa: “Gente, se vocês quiserem ver a mãe com vida, correm para o hospital, porque ela está nas últimas”.

Mara: Foi o horário que eu estava saindo do trabalho. Isso era às cinco horas da tarde, quando eu recebi o recado da Sueli e eu corri para a casa da Sueli para a gente poder ir junto para o hospital. E quando a gente chegou lá, ela já não estava mais acordada, eles nos... lá no hospital, eles nos colocaram todo o aparato de segurança pra gente entrar: avental, luva, máscara, toca, tudo pra que a gente pudesse ver. A gente sabia que ela estava viva ainda, porque ainda havia sinais vitais, mas estava tudo muito fraco. Principalmente a pressão dela que estava muito baixa. E dali os médicos falaram assim: “Ó, aqui a gente não tem mais como evoluir, né; como voltar ao normal. Nós estamos esperando mesmo...”

Sueli: A qualquer momento.

Mara: A qualquer momento.

Sueli: Mas a gente já tinha uma esperança tão grande que a gente até tinha falado, né: “Não! Amanhã, com certeza, a gente volta pra visitar ela. Dona Badia sai dessa. Já saiu tantas... de tantas. Ela vai sair mais dessa... não imaginava.

Mara: Era por volta já, quase onze horas da noite, quando eles nos chamaram pra falar que a gente podia voltar pra casa, que qualquer coisa eles entrariam em contato, porque é um momento muito, muito difícil, e é mais difícil ainda você ficar ali dentro do hospital, né... Com cansaço. Eles falaram assim “Ó, pode acontecer agora de madrugada, pode acontecer amanhã cedo, amanhã durante o dia, então...

Sueli: Então não tem um horário específico.

Mara: Não tem um horário. Voltem pra casa que, assim que acontecer, a gente entra em contato com vocês.

Sueli: Só que pode ficar esperando que ninguém vai falar que ela faleceu. Eles vão Falar que é pra vocês virem pro hospital.

Mara: E foi dessa forma que ocorreu. De manhãzinha, de madrugada.

Sueli: Era umas três horas da manhã.

Mara: Quando...

Sueli: Foi uma noite muito... horrível. Horrível.

Mara: Você, a expectativa da notícia de que a pessoa não vai mais acordar é muito ruim (voz embargada). É muito ruim, porque você, você... tem! Enquanto o coração bate, você ainda tem a expectativa que a pessoa vai voltar. E...

Sueli: E, querendo ou não, a gente levou ela andando para o hospital.

Mara: É. Ela entrou falando; ela entrou brava; ela entrou, sabe, ela entrou bem ela mesma. E aí, de madrugada, eles entraram em contato, informaram a Sueli e pediram, né, pra gente ir até lá pra conversar.

Sueli: Eu só vou dar um adendo. Eu fiquei sentada na sala, porque eu não conseguia dormir. Fiquei sentada ali, olhando para o nada. De repente — foi muito estranho —, eu tinha acendido uma vela pro anjo de guarda dela pra proteção, pra que ajudasse ela a melhorar. Já fazia, mais ou menos, uns quatro dias que eu tinha acendido aquela vela. Tinha trocado, que eu não deixava faltar. E, de repente, a casa COM UM CHEIRO DE VELA, mas tão forte, tão forte! Falei assim: “Nossa! nunca cheirou tanto assim a vela”. A vela tava na cozinha, eu tava na sala e um cheiro de vela muito forte. Daqui a pouco, eu tô ali, cai uma sacola que já fazia muito tempo que tava ali na cadeira. Conforme caiu aquela sacola, os gatos vieram todos e ficaram olhando parados, estáticos. Na hora, eu pensei assim: “Meu Deus, ela se foi”. Deu quinze minutos, mais ou menos, o telefone tocou.

Mara: Nessa semana que ela faleceu, na madrugada de terça para quarta, eu havia sonhado com ela, em que ela estava deitada na cama dela, e ela falava assim para mim: “Filha... o médico, eu estou melhor!”. Eu falava: “Que bom, mãe! Cê tá bem?”. Ela: “Tô. E o médico tá me mandando pra casa. Eu posso ir?”. Mas, no meu sonho, ela já estava em casa. Ela tava deitada na cama dela. E, no sonho, eu lembro que eu falava assim: “Mãe, lógico que você tem que ir!”. Ela: “Filha, eu posso ir mesmo? Você tem certeza? Eu vou embora pra casa”. Eu disse assim: “Pode, mãe. Vai! Você vai ficar bem. É melhor pra senhora”. E, a hora que eu acordei, Eu me lembro de ajoelhar na beirada da cama e começar a chorar, porque eu sabia que ali ela tinha se despedido de mim. A casa que ela estava falando não era a casa material...

Sueli: A casa física.

Mara: A Casa física. Ela tava querendo dizer, assim... hoje, ligando isso ao nosso conhecimento espiritual, era a casa espiritual que ela ia, né? Quem é o médico dos médicos, dentro de todas as nossas crenças? É Jesus, é Deus, né? E aí ela tava falando: “O médico tá me mandando pra casa”. Ela tava voltando pra casa espiritual, digamos assim. E ali eu senti que ela se despediu de mim. E depois, conversando com a Sueli no telefone, naquele mesmo dia, naquela quarta-feira, eu falei assim: “Su, eu tô com medo de falar isso, mas é uma coisa que eu já tô sentindo faz tempo. Eu não sinto mais a presença da mãe dentro da casa — Dentro da casa dela, né — e não sei, mas eu tenho medo que ela não volte”.

Sueli: E isso que você falou, eu e você (indicando para o entrevistador, Guilherme), né? Nós já tínhamos conversado também que a gente não conseguia mais perceber, sentir ela voltando ali pra casa.

Mara: Então, assim...

Sueli: Já tínhamos chorado muito também, dentro da casa dela.

Mara: Era um medo, uma angústia, um desespero porque até então o que estava evoluindo, de repente, começou a decair.

Sueli: Começou aparecer um monte de complicação (trecho incompreensível)...

Mara: Uma complicação em cima da outra e aí aconteceu dela vir a falecer.

Guilherme: E a noite que ela faleceu, choveu e acabou a luz.

Sueli: Não tinha luz. As ruas lá de casa tavam fechadas porque eles estavam acabando de fazer recapeamento. Não tinha como chamar um Uber, não tinha nada. A gente teve que sair e ir a um lugar onde estava passando o ônibus para poder pegar a condução para conseguir chegar até aqui, perto da casa da Mara... pra pegar a Mara pra gente poder ir. Nossa! Foi muito difícil.

Mara: E, em compensação, o dia foi um dia lindo, com o pôr-do-sol maravilhoso... (silêncio embargado, seguido de um suspiro)... digno de receber ela mesmo. Foi, né?

Sueli: Uma rainha (voz trêmula de choro).

Mara: E, assim, preparado... a gente não estava. Eu acho que a gente pode dizer que, até hoje, eu não tô preparada para viver sem ela. (Ao fundo, suspiros de choro vindos de Sueli) A gente vive sem a pessoa; a gente adapta a nossa rotina sem a pessoa; mas a falta é todos os dias. E, às vezes, eu me pego em situações que eu falo assim... penso né: "Vou ligar pra minha mãe pra contar!". E aí você vê o baque (som de palma): "Eu não tenho mais. Eu não tenho pra quem ligar". Como também acordar de um pesadelo de manhã, que a gente fazia tanto, e ligar pra ela e falar: "Mãe, eu tive um pesadelo! Foi assim, assim, assim..." e ela: "Calma! Eu vou rezar junto com você" pra me acalmar, e já aconteceu de acordar de pesadelos e não ter. Então assim, a falta é constante, a dor é grande, o que você faz é adaptar a sua rotina, adaptar o seu dia-a-dia.

Sueli: Olha, eu acho que nem nos meus piores pesadelos, eu nunca imaginei que eu iria levar minha mãe andando pro hospital e ela iria sair no caixão. Gente... olha... foi a pior dor que eu já senti na minha vida. Foi a pior dor porque... eu não pensei que eu fosse perder ela tão cedo. E ela... uma pessoa... tinha os problemas físicos, de saúde; mas tinha uma cabeça, era uma pessoa tão lúcida, tão iluminada, (trecho incompreensível) tão boa de coração. Procurava ajudar todo mundo.

Mara: E assim, ela podia não entender nada do que você estivesse falando, não saber; mas o "Fica tranquila, vai ficar tudo bem!" passava uma segurança tão forte pra nós que parecia que tudo já estava resolvido só com aquela frase. Mesmo a gente sabendo que ela não tava entendendo NADA do que a gente estava falando; que ela não sabia nada de como funcionavam as coisas. O "Vai ficar tudo bem" dela era a nossa segurança. Perder-la é perder o chão, perder parte da gente e... (suspiro resignado)... falar dela é muito emocionante, mas também é muito importante.

Guilherme: É... como uma última pergunta, a última mesmo para encerrar, eu queria saber qual — de cada uma — qual é a primeira lembrança que vocês têm com a mãe de vocês?

Mara: Primeira lembrança...

SILÊNCIO LONGO

Sueli: Eu me lembro dentro de um ônibus... descendo ali, passando nas ruas de Aparecida, de Aparecida do Norte, que a gente tinha ido, na qual a gente tem a foto.

Guilherme: Depois a gente vai pegar e vai mostrar.

Sueli: Na qual a gente tem a foto. O Ronaldo era pequenininho, tava minha vó, meu pai — minha avó Catarina —, meu pai, o Ronaldo bebê, e eu me lembro passando... É a mais antiga mesmo, que eu lembro desse dia; lembro dessa foto. Porque aquela lembrança que eu falei do centro da mãezinha, eu não vejo minha mãe nem meu pai, eu só vejo o lugar que eu estava. Não consigo ver eles. Marcou eu ter visto, mas da minha mãe... essa eu era, eu acho que eu tinha um... eu tava com uns quase três anos. O Ronaldo era pequenininho até, tinha uns três anos mais ou menos e... eu acho que é a mais antiga. De criança, o que eu me lembro é eu querendo lavar louça, subindo no banquinho, era deixando, me ensinando como lavar a louça; eu querendo ajudar ela estendendo roupa. Eu estendi as meias, sabe, no varalzinho baixinho. Isso tudo quando eu morava no Alto do Mandaqui; mas eu acho que a mais antiga mesmo é essa.

Mara: Acho que a mais antiga que eu tenho dela e... eu indo pra EMEI — que tava começando, né? Primeiro dia de aula... EMEI não! Eu tava indo pro prezinho — e eu lembro que quando a gente tinha acabado de sair do portão, passou a mãe de uma coleguinha minha — que seria, né, minha colega — virou e falou assim: “Você tá levando lanche pra ela? Porque tá tudo começando, né? E eles pediram pra levar lanche no primeiro dia” e ela olhou pra mim, ela falou assim: “Não”. Nós voltamos correndo pra dentro de casa e tinha uns saquinhos brancos, que eu não sei nem do que que era só que eles tinham um cortezinho assim no meio, eu lembro que ela pegou duas bisnaguinhas, passou maionese, colocou dentro e me pôs dentro de um tigelinha, de uma Tupperware e falou assim: Ó, filha, tá aqui, tá? Aí, ou você leva um copinho pra você tomar água, ou a sua coleguinha dá um pouquinho de suco pra você; mas com fome você não vai ficar. Tá aqui!” colocou aqueles (trecho incompreensível seguido de choro) dentro do saquinho. “Amanhã, a mãe faz um lanchinho melhor” e, naquele dia depois, ela tava comprando uma lancheirinha, que era uma lancherinha vermelha com a garrafinha para poder levar. Essa é a primeira assim, a mais antiga. Entre tantas outras, uma outra muito emocionante foi uma vez que eu já estava com 16 anos e eu tive que internar ela na UTI e eu não podia fazer a internação dela na época, porque eu era menor. Então, nosso irmão Paulo chegou, assinou a internação. E aí eles me entregaram a dentadura dela e a aliança, porque eu não podia ficar. E eu voltei pra casa desesperada, porque até então ela tava bem. Ela tinha passado (trecho incompreensível) ela já tinha tido um vômito, um mal-estar estomacal; mas ela teve que ficar por causa da diabetes, e eu voltei pra casa desesperada. Isso era uma sexta-feira. E quando foi no sábado, a Sueli tava em casa, e a gente ligou no hospital pra saber se ela tava bem... e aí a pessoa que atendeu falou assim: “Tem alguma Dona Abadia aqui?”, e a gente só escutou a vozinha dela lá no fundo: “Fala pra eles que eu tô bem, eu tô aqui!” E aquilo... A gente não a viu, mas ouvi a voz dela, que ela tava bem, aquilo também foi muito emocionante pra mim. E muitas vezes, quando a gente tava deitada, enquanto tanta minha

avó e meu pai tavam internados, estar deitada com ela na cama, ela falava assim: “Dorme aqui comigo, filha, pra não ficar sozinha”, e eu falava: “Mãe, só estamos nós duas aqui” e ela: “Mas tamos aqui nós duas. A gente ainda tá aqui. A gente tá aqui, vamos rezar, vamos rezar que vai dar tudo certo. Daqui a pouco eles estão aqui em casa”, E ela nunca deixar a nossa peteca, a nossa esperança, cair. Por nada, por nada.

Sueli: Agora a lembrança que eu tenho mais, assim... Quando chegava o Natal e a gente sabia que não ia vir ninguém na noite, né? Mas ela falou assim: “Mas vamos fazer nossa ceia, porque nós estamos aqui. A gente faz a ceia do mesmo jeito. Se aparecer, a ceia tá lá; se não aparecer, nós estamos”.

Mara: E isso trouxe também pra minha casa.

Sueli: Ela tinha uma coisa pra ela, tinha que fazer a ceia, tinha que arrumar a mesa e mesmo ela vindo pra minha casa, ela deixava a mesa dela arrumada.

Mara: E isso eu trouxe pra minha casa. Ela sempre ensinou a gente que na noite de Natal, o importante é que é o aniversário de Jesus. O importante é que tem um aniversariante. Então ela fazia o bolo confeitado, o bolo de festa, porque era pro (Sueli e Mara, falando juntas: ANIVERSARIANTE!) E ela sempre fez! Por mais simples que fosse o bolo, tinha que ter o bolo. Ela sempre valorizou a questão espiritual, a questão da família, a questão da união. Nunca foi o presente o Natal; sempre foi a nossa união e nós estávamos lá.

Sueli: E ela sempre fazia um minuto de silêncio para todos aqueles que não estavam presentes mais aqui com a gente.

Mara: E a gente chegou a passar Natal sem luz, lembra? (Risos) Uma vez acabou a luz no Natal e... tivemos diversos Natais, às vezes com divergência familiar, com discussão, né?...

Sueli: Mas tinha o Natal.

Mara: Tinha Natal e ela sempre valorizou que a família tá reunida. Nem que fosse um ou dois de nós, ou se pudesse estar todo mundo; mas sempre a família tá reunida.

Sueli: O primeiro Natal que eu passei sem ela foi no ano que ela faleceu. Eu nunca tinha passado o Natal longe dela. Foi muito difícil... (suspiro triste) porque... era sempre assim, chegando perto do Natal, uma ligando pra outra, “O quê que você vai fazer?”, “Eu vou fazer tal coisa, vou fazer tal coisa, vou fazer meu bolo, vou fazer empadinha” e quando chegou o primeiro Natal, não tem com quem conversar sobre isso, foi muito difícil.

Mara: Meu primeiro aniversário, eu não queria nem comemorar, porque como eu disse, ela falava “Eu nasci de novo”. Meu primeiro aniversário sem ela, que foi pouco tempo depois que ela tinha falecido, acordar naquele dia de manhã e saber que eu não ia ter o telefonema dela, que eu não ia ter o abraço dela. Foi horrível, horrível. Era um dia que eu queria deitar e, sabe, só passar. E o mais engraçado é que ela tinha o lugar que ela sempre ficava sentada na casa da Sueli. Sempre! — Que é aquele canto da mesa —. E o mais engraçado é que quando a gente se reúne, até hoje...

Sueli: Aquele lugar fica vago.

Mara: Aquele lugar fica vago, como se a gente se... Sei lá! Tá reservado pra ela.

Sueli: Teve uma coisa que aconteceu, acho que foi... Eu não consigo lembrar qual, qual foi a data que a gente tava comemorando. Acho que foi aniversário da Ana. Só sei que teve um churrasco em casa, que tinha gente em casa, tudo, e ela já... foi no ano que ela faleceu. Só que aquele lugar tava vazio e do lado, tava a latinha de cerveja dela, que ela ficava com uma latinha de cerveja (Sueli e Mara, falando juntas: O TEMPO TODO!) com aquela latinha. Ela não podia tomar refrigerante... e tava ali. E pior de tudo que a gente sabe nem quem foi que colocou a latinha de cerveja ali do lado... e a cadeira. Todo mundo passava por lá, mas ninguém sentou naquela cadeira, no lugar dela.

Guilherme: Cês querem adicionar alguma coisa que... que eu não perguntei, mas que vocês acham que, pra memória dela, pra gente entender quem foi a Abadia, é preciso falar disso.

Sueli: Dona Abadia: uma mulher negra, venceu muito preconceito, muita coisa na sua vida. Uma pessoa simples, se contentava com aquilo que era dela, com aquilo que ela tinha conquistado. Nunca teve os olhos nas coisas dos outros, nunca fez nada, assim, pensando em se beneficiar em cima de ninguém, muito pelo contrário. O que ela podia fazer, ela fazia por todos. Sempre foi uma mãe para todas as pessoas da família, da nossa matriarca. Então, todos, ela tinha um carinho especial. E sempre que podia, ela ajudava cada um de nós no momento que necessitasse. E foi uma mãe verdadeira. Uma amiga, companheira e que eu sinto muita falta... e que faz muita falta. Muita falta.

Mara: Eu só tenho a agradecer por ter tido a oportunidade de ter ela como mãe, porque eu sei que eu fui muito amada, assim como todos os filhos dela.

Sueli: Com certeza.

Mara: E a falta é imensurável. E assim, então agradeço a Deus a oportunidade de ter tido ela como mãe.

Sueli: Verdade... se eu pudesse ter uma segunda vida e tivesse que escolher, escolheria ela novamente para ser minha mãe, porque foi muito bom, foi maravilhoso.

Mara: Ela foi importante...

Sueli: Em todos os momentos.

Mara: Em todos os momentos e de todas as formas... e de todas as formas.

Sueli: E na simplicidade ela se fazia presente, né? Ela se destacava. Aonde ela chegava, ela concilia, conversava, conversava, quando ia ver, já tinha arrumado amizade. Era ótima vendedora (risos)! Ótima pessoa com números, né...

Mara: E que eu tenho muito orgulho de dizer que fui filha dela.

Sueli: Também tenho.

Mara: E que se por um descuido, Deus deixasse ela voltar pelo menos um pouquinho... eu gostaria muito de ter mais um abraço e dizer: “Mãe, eu te amo e obrigada por tudo!”.

Sueli: É... e graças a nossa mãe, nós somos o que somos...

Mara: Nós somos o que somos. Quem somos!

Sueli: Porque... aprendemos muita coisa com ela... Sério... é só gratidão mesmo.

FINAL DA TRANSCRIÇÃO